

# **DESEMPENHO RÍTMICO DE CRIANÇAS DE VÁRIAS IDADES – PONTO DE PARTIDA PARA UMA REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO MUSICAL**

**Bruno César Pinto Madureira**

---

**Relatório da P.E.S.  
Mestrado em Ensino de Educação Musical  
no Ensino Básico  
Setembro de 2010**



Relatório apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Helena Rodrigues, Professora Auxiliar do Departamento de Ciências Musicais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

## DECLARAÇÃO

Declaro que este Relatório de Estágio é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes citadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato

---

Lisboa,..... de ..... de 2010

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas:

A orientadora

---

Lisboa, ..... de ..... de 2010

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer à minha orientadora de estágio do Agrupamento de escolas Fernando Pessoa, professora Marta Esteves, cuja experiência e os vastos conhecimentos contribuíram para tornar o meu estágio altamente positivo e enriquecedor do ponto de vista científico e humano.

Gostaria também de agradecer à prof. Helena Rodrigues e ao doutorando Tiago Veiga pela sua disponibilidade e prontidão no aconselhamento, assim como aos meus colegas de curso pelo espírito de entreajuda e solidariedade. Um agradecimento especial ao Bruno Vieira pelo apoio dado na gravação dos padrões rítmicos.

Finalmente, quero agradecer a todas as outras pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste relatório.

## **RESUMO**

## **ABSTRACT**

### **DESEMPENHO RÍTMICO DE CRIANÇAS DE VÁRIAS IDADES – PONTO DE PARTIDA PARA UMA REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO MUSICAL**

### **THE RYTHMIC PERFORMANCE ON PUPILS OF DIFFERENT AGES - A STARTING POINT FOR REFLECTION IN MY MA IN TEACHING**

**BRUNO CÉSAR PINTO MADUREIRA**

**PALAVRAS-CHAVE:** avaliação, observação, competências rítmicas, ensino

**KEYWORDS:** evaluation, classroom observation, rhythmic skills, teaching

Este relatório incide sobre a minha Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S.) na escola E. B. 2,3 Fernando Pessoa, nos Olivais, ao longo do ano lectivo 2009/2010, que inclui aulas dadas e aulas observadas. A respectiva descrição e reflexão da mesma centrar-se-ão sobretudo na observação de várias aulas e também na prática lectiva referente a diferentes níveis de ensino, nomeadamente a uma turma do segundo ciclo e outra do terceiro. Além do respectivo trabalho de observação, leccionação, descrição e reflexão, será também abordada a colaboração num trabalho de investigação relacionado com a avaliação do desempenho rítmico em alunos do segundo ciclo, trabalho esse, que possibilitou uma maior articulação entre a prática lectiva e a componente de investigação.

This report is focused on my MA in Teaching as a teacher of music education at the E. B. 2,3 Fernando Pessoa school, in Olivais, in the scholar year of 2009/2010. It includes gave and observed lessons.

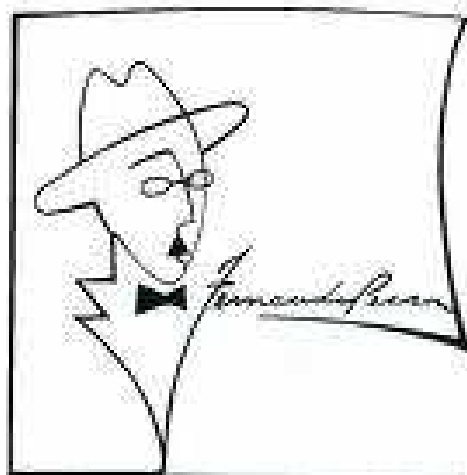
The respective description and reflection of it will focus mainly on observation of various classes and also in the school practice concerning to the different levels of instruction/teaching, namely to a class of the second cycle and another one of the third cycle.

Besides the respective work of observation, teaching, description and reflection, it will be approached the cooperation in a investigation related to the evaluation of rhythmic skills of the second cycle students, work which allowed greater interaction between the teaching and the investigation component.

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
 <b>Capítulo I: A escola E.B. 2,3 de Fernando Pessoa .....</b>	<b>3</b>
I.1. Apresentação da escola .....	3
I.2. Planta da escola .....	5
I.3. Descrição das salas de música e dos seus recursos .....	6
I.4. Grupo de Educação Musical.....	7
I.5. Núcleo de estágio.....	7
 <b>Capítulo II: O Estágio em Educação Musical .....</b>	<b>8</b>
II.1. A turma do 5º 2ª .....	8
II. 1.1. Caracterização da turma.....	8
II. 1.2. Mapa da disposição dos alunos na sala .....	10
II. 1.3. Caracterização do manual adoptado .....	11
II. 1.4. Aulas observadas.....	12
II. 1.5. Planificação anual.....	13
II. 1.6. Aulas leccionadas – planificações diárias.....	14
II. 1.7. Sumários das aulas leccionadas .....	20
II. 2. A turma do 7º 2ª .....	21
II. 2.1. Caracterização da turma .....	21
II. 2.2. Mapa da disposição dos alunos na sala .....	22
II. 2.3. Aulas observadas .....	23
II. 2.4. Planificação anual .....	23
II. 2.5. Aulas leccionadas – planificações diárias .....	24
II. 2.6. Sumários das aulas leccionadas.....	30
II. 3. Reflexão sobre a escola na actualidade .....	31
 <b>Capítulo III: Participação em Projecto de Investigação .....</b>	<b>36</b>
III. 1. Descrição sumária das actividades.....	36
III. 2. Relatórios dos resultados.....	39
III. 3. Reflexão pessoal .....	41

Capítulo IV: Reflexão sobre a prática de ensino .....	44
Conclusão .....	47
Bibliografia .....	48
<b>Anexos .....</b>	<b>i</b>
Anexo A .....	ii
Anexo B .....	iii
Anexo C .....	iv
Anexo D .....	v
Anexo E .....	vi
Anexo F .....	vii
Anexo G .....	viii
Anexo H .....	ix
Anexo I .....	x
Anexo J .....	xi
Anexo K .....	xii
Anexo L .....	xiii
Anexo M .....	xiv
Anexo N .....	xv



## Introdução

O relatório que aqui apresento é o resultado de praticamente todo o trabalho realizado ao longo do período compreendido entre Setembro de 2009 e Junho de 2010, como estagiário do Mestrado em Ensino de Educação Musical, levado a cabo na escola EB 2,3 Fernando Pessoa, sob a orientação das professoras Marta Esteves (docente do referido estabelecimento de ensino) e Helena Rodrigues (docente auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

Ao meu estágio nesta escola pretendi também integrar neste trabalho alguns dos conhecimentos que aprendi e partilhei no projecto de investigação realizado sob a orientação do doutorando Tiago Veiga no qual eu participei, juntamente com outros colegas de curso. O ritmo e as competências rítmicas juntamente com algumas questões ligadas à avaliação do mesmo são os principais temas desse projecto de investigação. Contudo, esta temática não é exaustiva nem pretende restringir a necessidade e o interesse de estudar e reflectir sobre outras temáticas também importantes. Efectivamente, outras áreas de interesse galvanizaram a reflexão e a leitura, o que me permitiu em simultâneo reflectir sobre outros assuntos decorrentes do estágio, nomeadamente questões relativas ao programa.

Neste relatório, pretendo fundamentalmente partilhar esta minha experiência como estagiário e as actividades que desenvolvi ao longo do ano dentro e fora da sala de aula. Para além das aulas assistidas da minha orientadora em várias turmas e níveis distintos e de ter leccionado também em diferentes níveis de ensino, assisti também às aulas leccionadas pelo meu colega de estágio. Assisti também a aulas de outros professores noutras escolas, nomeadamente onde eu trabalho. Tudo isto com o profundo interesse de me valorizar como professor e de melhorar a minha prática lectiva.

Neste relatório vou tentar integrar da melhor forma possível toda esta variedade de experiências de forma lógica e coerente, para que possa transmitir uma ideia de tudo aquilo que vivi e aprendi ao longo de todo o ano lectivo na escola Fernando Pessoa.

Assim, o mesmo é apresentado em quatro diferentes secções. Na primeira, a caracterização da escola, é abordado o ambiente educativo frequentado pelos alunos. No segundo ponto é abordado mais especificamente o estágio em Educação Musical. Neste ponto é feita uma caracterização das turmas com as quais trabalhei, as aulas dadas, as aulas observadas, as diferentes planificações, uma pequena reflexão sobre a escola na actualidade, etc. No ponto seguinte é abordado o trabalho de investigação realizado em colaboração



com o doutorando Tiago Veiga e no último ponto é feita uma reflexão final sobre todo este estágio, onde vou reflectir de forma mais profunda acerca de alguns aspectos relativos a esta minha experiência como professor estagiário.

Além do relato da minha experiência como estagiário, tentarei também fazer uma reflexão crítica relativamente às actividades em que estive envolvido.

Espero que este relatório seja, no futuro, um objecto de reflexão a que eu possa recorrer, de forma a comparar tudo aquilo que aprendi e pratiquei ao longo do estágio e aquilo que adoptei fazer no meu quotidiano lectivo.

Todo este estágio foi com toda a certeza um excelente pondo de partida para a minha actividade como professor de Educação Musical.

## Capítulo I - A escola EB 2,3 de Fernando Pessoa

### I.1. Apresentação da escola

A escola EB 2,3 Fernando Pessoa localiza-se no bairro de Santa Maria dos Olivais (Concelho de Lisboa) e foi criada pela portaria nº 486/70, de Outubro de 1970 (ANEXO A).

Entrou em funcionamento em 1970, mas só ocupou as actuais instalações após o ano lectivo de 1973/74.

O Bairro dos Olivais Sul é um aglomerado urbano, cuja construção teve início a partir de 1960. Foi a partir dessa data que a freguesia de Santa Maria dos Olivais se tornou num populoso bairro, sendo hoje a freguesia nacional com maior número de habitantes.

Foi neste bairro que se construiu a escola E.B. 2,3 Fernando Pessoa. Esta é constituída por um pavilhão central, quatro pavilhões com salas de aula, um pavilhão gimnodesportivo e um pavilhão polivalente.

Todos os pavilhões são descontínuos e a área descoberta da escola é bastante vasta, sendo esta uma das maiores do país em termos de área. O terreno é bastante inclinado e é constituído por diversos espaços verdes.

A maioria dos mais de mil alunos reside no Bairro dos Olivais Sul. Muitos outros residem no Bairro de Chelas, Bairro dos Olivais Norte, entre outros.

O nível socioeconómico das famílias dos alunos que frequentam esta escola é bastante heterogéneo. Contudo, a maioria é proveniente de famílias com poucos recursos. Um número mais reduzido de alunos é proveniente de famílias com recursos médios ou elevados.

Trabalham nesta escola 105 professores no total e 35 funcionários não docentes distribuídos pelos serviços administrativos, auxiliares de acção educativa e guardas-nocturnos. O conselho executivo é constituído pelo Dr. Luís Costa (director da escola), pelo Dr. Luís Nogueira (director adjunto), pela Dr.<sup>a</sup> Lurdes Nabais (subdirectora), pela Dr.<sup>a</sup> Maria João Pinho (adjunta do director) e pela Dr.<sup>a</sup> Ana Paula (adjunta do director).

A escola E.B. 2,3 Fernando Pessoa faz parte do Agrupamento de Escolas Fernando Pessoa. Além desta escola, este agrupamento é constituído por três jardins-de-infância (J. I. nº 2; J. I. nº 4; J. I. nº 7) e três escolas do 1º ciclo (Escola E. B. 1 nº 159; Escola E. B. 1 Adriano Correia Oliveira e Escola E. B. 1 Infante D. Henrique).

Segundo consta no Projecto Educativo, esta escola deve oferecer aos seus alunos instrumentos que contribuam para a sua formação integral e harmoniosa, preparando-os assim, para uma sociedade complexa e em constante mudança, onde demonstrem saber agir como cidadãos independentes e solidários. Assim, o professor não deve apenas transmitir os seus conhecimentos mas, sobretudo, formar e educar, para favorecer da melhor maneira possível o desenvolvimento integral do aluno. Ainda no projecto educativo, alerta-se para o estabelecimento de um compromisso de abertura das comunidades envolvidas à pretensão de descoberta e adaptação a novas realidades sociais por parte dos alunos, de modo a evitar a tendência de fechamento da escola sobre a sua acção. Evidentemente, a família tem um papel preponderante particularmente através da transmissão de valores pessoais, transmissão essa que origina uma eficaz preparação e acompanhamento de todos os indivíduos, no sentido que lhes fornece instrumentos que viabilizam um adequado desempenho e consciencialização do seu próprio papel na sociedade. No entanto, para que tudo isto aconteça, há a necessidade de um relacionamento próximo entre a comunidade educativa e as entidades que melhor possam servir os seus interesses, em termos de acção quotidiana no terreno.

The floor plan illustrates the layout of the Escola do 2º e 3º Ciclos de Fernando Pessoa. The building is oriented along Rua Cidade de Nova Lisboa. The central area contains the Pavilhão Central, which includes a Cozinha, Cantina, Centro de Recursos / Reuniões, Reprografia, Sala de Convívio, W.C., and an Acesso L2A. To the left of the central area are the Bibliotecas, Informática, and Secretaria. To the right of the central area are the Pavilhões 1, 2, 3, 4, and 5, and the Ginásio. Pavilhão 1 contains E.V. 1, E.V.T. 1, Sala 2, Sala 4, Sala 3, W.C. Sala 1, and Cl. C.N. 1. Pavilhão 2 contains E.V. 2, E.V.T. 2, Sala 8, Sala 6, Sala 7, Sala 5, W.C. Sala 7, W.C. Sala 9, and Cl. C.N. 2. Pavilhão 3 contains E.V. 3, E.V.T. 3, Sala 11, Sala 10, Sala 13, Sala 12, W.C. Sala 10, and Cl. C.N. 3. Pavilhão 4 contains Atelier, E.V.T. 4, Sala 17, Sala 16, Sala 15, Sala 14, W.C. Sala 16, and Cl. C.N. 4. Pavilhão 5 contains E.V. 5, Sala 5, Sala 6, Sala 7, Sala 8, Sala 9, Sala 10, Sala 11, Sala 12, Sala 13, Sala 14, Sala 15, Sala 16, Sala 17, W.C. Sala 10, and Cl. C.N. 3. The Ginásio is located at the bottom right of the plan.

### I.3. Descrição das salas de música e dos seus recursos.

A disciplina de Educação Musical foi contemplada com duas salas de aulas (a M1 e a M2), mais uma pequena sala de arrumações, todas elas localizadas no pavilhão 4. Cada uma das duas salas encontra-se na disposição relativa de “U”, com algumas mesas ao centro. Ambas têm quadros de cortice para afixar trabalhos feitos por alunos e um quadro com marcadores.

Relativamente à sala M1, a mesma está muito bem apetrechada em termos de material audiovisual. Tem um computador com ligação a um *data-show*, um quadro branco, quatro grandes colunas de som espalhada pela sala, mesa de mistura, amplificadores, sistema de alta-fidelidade, leitor de CD's, leitor de DVD's e ainda vários CD's, DVD's e cassetes VHS. É importante frisar que esta sala tem uma boa acústica e um bom revestimento. Contudo, a iluminação não é a melhor. Além dos aparelhos tecnológicos, esta sala é equipada com um armário de arrumações, uma estante para guardar objectos, secretária do professor e uma outra secretária que serve de suporte ao piano eléctrico. Além disso já não é utilizado o tradicional giz, mas sim uma caneta específica. A sala tem a particularidade de ter duas portas, uma para o exterior e outra que dá acesso ao interior do respectivo bloco de salas (ANEXO B).

A outra sala de música, a M2, é bastante mais pobre em termos de material. Esta tem, além do material habitual (mesas, cadeiras, etc.), um piano eléctrico, duas colunas de amplificação sonora, um computador, sistema de alta-fidelidade, um retroprojector e um quadro pautado.

A já referida sala de arrumos contém armários e estantes para arrumação dos instrumentos. Existem oito xilofones, seis metalofones e quarenta e sete tambores que são normalmente usados pelo grupo de tambores que existe na escola. Tem também uma boa acústica e uma iluminação razoável. Tal como a M1, tem uma porta para exterior e outra para o interior do pavilhão. Há ainda um outro armário onde estão todos os outros instrumentos, tais como, guizeiras, pratos, tímbores, clavas, caixas chinesas, entre muitos outros instrumentos (ANEXO C).

#### I.4. Grupo de Educação Musical.

O Grupo de Educação Musical está incluído no departamento de expressões, juntamente com as disciplinas de Educação Física, Educação Visual e Tecnológica, Educação Visual e Educação Tecnológica. Este departamento é coordenado pela professora Georgina Frias, professora de Educação Física.

O grupo de Educação Musical em concreto é constituído por três professores, sendo dois deles efectivos, a professora Marta Esteves e o professor Jorge Domingues. O professor Rui Franjoso é contratado.

#### I.5. Núcleo de estágio.

O Núcleo de estágio é constituído por dois estagiários, Bruno Madureira e Bruno Vieira, orientados pela professora Marta Esteves. O estágio está esquadrado no segundo ano do Mestrado em Ensino de educação Musical, a decorrer na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (U. N. L.).

Os estagiários e a orientadora estipularam no início do ano lectivo, que as reuniões do núcleo tinham uma periodicidade semanal. Os temas abordados variam consoante as necessidades: programa de Educação Musical, planificações e suas estruturas, relação professor/alunos, casos de mau comportamento de alguns alunos, discussão de processos administrativos da instituição escolar, entre outros.

Ao longo do ano tentemos sempre que estas reuniões se realizassem logo após as aulas leccionadas por nós. Evidentemente, os assuntos mais abordados estavam relacionados com o trabalho feito na aula, nomeadamente o que foi bem feito e o que foi menos bem feito. Nelas, a professora Marta dava o seu ponto de vista relativamente a tudo o que foi realizado na aula e o que poderia ter sido realizado. Falávamos também do que poderia ser abordado na aula seguinte. Estas reuniões tiveram uma importância e uma utilidade extremamente relevante e foram fulcrais para os melhoramentos e aperfeiçoamento do meu trabalho.

## Capítulo II: O Estágio em Educação Musical

Como estagiário, e de acordo com o regulamento do mestrado em ensino, a actividade pedagógica exercida desenrola-se em 10 aulas de noventa minutos, a ministrar durante o ano lectivo a duas turmas de níveis diferentes (além das aulas assistidas, evidentemente). Os horários das turmas com as quais eu trabalhei (5º 2º e 7º 2ª) coincidiam no dia da semana, pois eram ambas à segunda-feira à tarde. Evidentemente estou-me a referir à aula de noventa minutos, uma vez que a aula de 45 minutos é muito escassa ao nível do tempo para as actividades. No que diz respeito às aulas assistidas, a minha presença era muito mais regular e variada nos dias da semana. Assisti a aulas de várias turmas e diversos níveis de ensino.

A caracterização das turmas é muito importante, uma vez que só depois de se conhecerem os alunos, é possível fazer uma planificação que tenha em conta as maiores ou menores dificuldades dos mesmos.

### II. 1. A turma do 5º 2ª.

#### II. 1.1. Caracterização da turma 5º 2ª.

Esta turma é constituída por vinte e oito alunos, dos quais vinte e cinco frequentam a disciplina de Educação Musical (quinze rapazes e dez raparigas). Os outros três fazem parte do ensino articulado, e por isso, não frequentam esta disciplina.

A quantidade dos elementos que compõem a turma, a extrema vivacidade de alguns alunos, a tendência para a fácil dispersão, entre outros factores, fizeram que nem sempre fosse muito fácil trabalhar e motivar esta turma. A sua pouca autonomia e as dificuldades na organização do trabalho proposto foram aspectos a ter sempre em conta ao longo do ano lectivo.

A média de idades destes vinte e cinco alunos é de 10,21 e têm em média 1,13 irmãos. Treze destes tiveram música no primeiro ciclo. Relativamente às notas do segundo período de avaliação, treze alunos tiveram nota três, oito tiveram nota quatro, um aluno teve nota cinco e três tiveram nota negativa (dois).

Tiveram em média 0,56 negativas cada um no 2º período.

A maioria dos alunos é proveniente da freguesia de Santa Maria dos Olivais (onze alunos). Ainda assim, três vêm de Marvila, um da Quinta das Laranjeiras, um de Monte

Abraão, um do Beato, um da Ramada, um de Massamá, um da Apelação e um de S. João da Talha.

Quanto às disciplinas favoritas dos alunos, a maioria (dez) dos alunos elegem a Educação Física como disciplina predilecta, seguido da história (seis votos), enquanto a Matemática e a Língua Portuguesa são as disciplinas menos atractivas, para onze e cinco alunos, respectivamente.

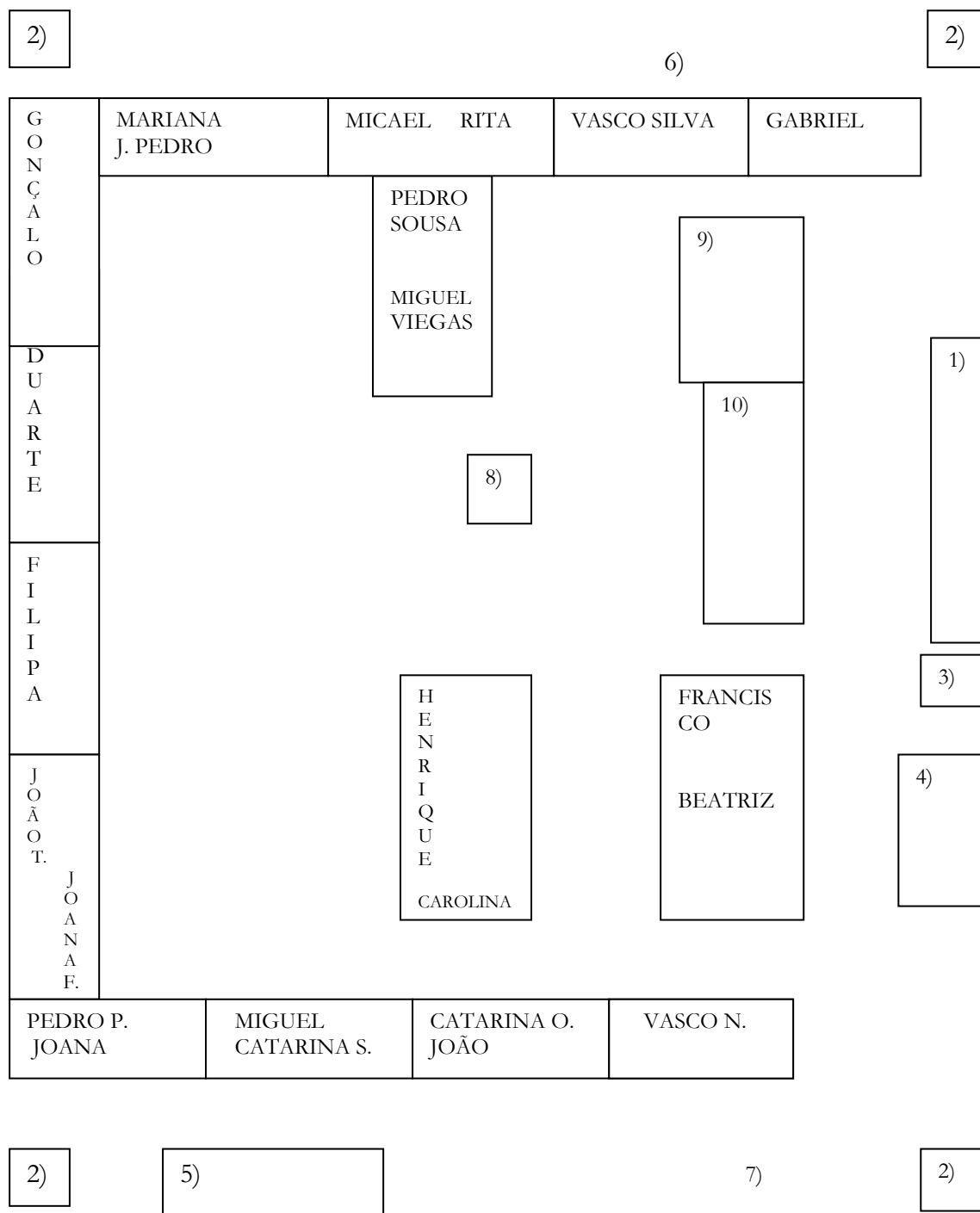
Quanto à Educação Musical, três dos alunos inquiridos, curiosamente todos do sexo feminino, têm-na como disciplina favorita, enquanto apenas um (do sexo masculino) não gosta desta disciplina.

Relativamente às aulas de Educação Musical, dezasseis alunos elegem a tocar flauta como actividade preferida, enquanto apenas três assumem gostar de cantar. O que os alunos menos gostam de fazer nas aulas de Educação Musical é escrever o sumário no caderno (sete respostas) e cantar (cinco respostas).

Julgo ser importante frisar que a maioria destes dados estatísticos foi recolhida através de um inquérito anónimo preenchido pelos alunos (ANEXO D).



## II. 1.2. Mapa da disposição dos alunos na sala M1



1) Quadro com marcadores

2) Colunas

3) Computador

4) Armário

5) Estante

6) Porta exterior

7) Porta interior

8) Retroprojector

9) Secretária do prof.

10) Mesa do piano

### II. 1.3. Caracterização do manual adoptado

É através dos manuais escolares e das respectivas aulas de Educação Musical, que a grande maioria das crianças têm o seu primeiro contacto com a “música no papel”.

Evidentemente, esses manuais não são produzidos à vontade dos autores e das editoras. Apesar de haver sempre uma certa flexibilidade e liberdade de escolha dos conteúdos, é fundamental que de uma forma ou de outra sejam seguidas as orientações e os programas elaborados pelo Ministério da Educação, os quais são elaborados por especialistas da respectiva área.

Assim, após uma leitura aprofundada das orientações e do programa do ministério, pretendo relatar o que concordo e o que não concordo, o que está e o que não está em consonância com as respectivas indicações ministeriais, bem como o que eu acho que poderia ser feito para uma maior qualidade deste manual.

Globalmente, este manual corresponde de uma forma adequada e equilibrada aos objectivos do programa. O mesmo está organizado de uma forma coerente e funcional em que cada um dos 6 níveis (os autores denominam-nos de ficheiros) em que se divide o manual está estruturado em cinco temas, assuntos ou actividades: timbre, ritmo, altura, dinâmica e forma. Também apresenta uma metodologia facilitadora de aprendizagem e de uma forma clara e acessível mostra o sentido da Educação Musical através de dramatização, peças musicais e exercícios práticos. Através de actividades e exercícios práticos proporciona várias possibilidades de trabalho autónomo e de autoavaliação. O manual integra CD's áudio do aluno e do professor, DVD, caderno de actividades, caderno de apoio ao professor e ainda quinze transparências, que apresentam as actividades instrumentais para explorar na sala de aula.

Pela sua linguagem, o manual adapta-se muito bem ao nível etário dos alunos. O formato, a organização da própria página e a identificação das diversas rubricas facilitam e estimulam a compreensão da informação. A quantidade e variedade das fotografias e ilustrações são bastante adequadas e dialogam muito bem com o texto verbal. Em cada um dos assuntos ou temas abordados é também sugerido um site na internet para que o aluno possa pesquisar e aprofundar os seus conhecimentos.

Um ponto que considero negativo é a falta de qualidade e sobretudo de variedade que têm a maioria das canções presentes no manual. Todas elas são elaboradas em compassos simples (quase sempre 4/4) e a esmagadora maioria em tonalidades repetitivas.

Quase que não há canções em modos, além do maior e o menor, e as tonalidades são quase sempre as mesmas (sobretudo dó maior).

De um modo muito global penso que este manual tem uma qualidade aceitável e deverá ser, com certeza, um dos manuais mais interessantes que circula no mercado. Prova disso é que é o manual mais comercializado e que mais escolas adoptam.

#### II. 1.4. Aulas observadas

Nos primeiros meses do ano lectivo limitei-me a assistir às aulas da minha orientadora, tal como o meu colega. Este período de observação constitui, de facto, uma importante fase de adaptação, a vários níveis: à orientadora, aos alunos, aos conteúdos e aos métodos.

Esta observação de aulas é indubitavelmente uma das actividades mais importantes e enriquecedoras de todo este estágio, sobretudo quando se tem oportunidade de ter como orientador uma pessoa altamente competente e com muitos anos de experiência de ensino. Felizmente foi o meu caso.

As aulas do meu colega de estágio que observei também foram importantes, uma vez que cada professor tem as suas técnicas, os seus métodos, as suas estratégias, enfim, cada professor é um professor diferente. Além disso, é uma pessoa que também já tinha alguma experiência de ensino.

Talvez devido à excelente formação e profundo conhecimento que a professora Marta Esteves tem relativamente à metodologia do professor Erwin Gordon, alguns exercícios deste grande pedagogo nunca eram esquecidos nas aulas dos alunos deste nível de ensino. Assim sendo, praticamente todas as aulas eram iniciadas com uma série de padrões rítmicos e melódicos que os alunos executavam em conjunto com a professora. Sabiamente, antes de iniciar cada um dos exercícios, a professora fazia um exemplo a que chamava de contexto inicial, que tinha como função os alunos ambientarem-se à métrica ou ao modo do padrão a realizar de seguida. Por exemplo, antes de iniciar o exercício de padrões melódicos do modo maior, cantava e/ou tocava um trecho ou pequena melodia no modo maior para os alunos se ambientarem e “sentirem” o modo maior. O mesmo era feito com o modo maior e com os padrões rítmicos de métrica binária e os de métrica ternária. Neste exercício ou jogo pergunta resposta, a resposta era executada em *tutti* e a *solo*. Nos padrões a *solo*, a professora só indicava o aluno que iria imitar o padrão, após este ser demonstrado. Nos padrões melódicos era dado sempre um grande realce à nota de

descanso (tónica) e nos padrões rítmicos a professora marcava a respectiva pulsação com batimentos das mãos nos joelhos e nunca com palmas. Pelo meio, às vezes, era pedido aos alunos para executarem algumas improvisações rítmica e/ou melódicas.

A flauta de bisel é, com certeza, o instrumento musical mais importante neste nível de ensino. Ela é o único instrumento que todos os alunos podem e devem adquirir e é o único que os alunos vão transportar de casa para a aula e vice-versa. Para a esmagadora maioria dos alunos é nesta fase que têm o primeiro contacto com este instrumento, por isso é bastante importante a abordagem e o trabalho que é feito relativamente ao mesmo. Foi logo nas primeiras aulas do ano que a professora Marta deu a conhecer este instrumento de uma forma um pouco mais profunda. Após ler e interpretar um pequeno texto relativo à história deste instrumento, deu as primeiras dicas e indicações mais básicas relativas à forma de tocar flauta, nomeadamente quanto à forma de soprar, ao ângulo que a flauta deve ter em relação ao corpo, à posição dos dedos (e das mãos, uma vez que ainda há alunos que teimam em tocar com as mão trocadas), entre outros, relevantes. As primeiras notas a serem ensinadas foram o dó e o lá. Foi com estas duas notas que foi executada a primeira melodia na flauta. Ao longo do ano foram sendo introduzidas as outras notas da flauta. Como está previsto no programa, foi dada uma especial ênfase a este instrumento e no final do ano lectivo quase todos os alunos já tocavam relativamente bem várias canções. Quase em todas as aulas era praticado este instrumento e ao longo do ano foram feitos vários testes de avaliação práticos relativos ao desempenho deste instrumento.

#### II. 1.5. Planificação anual (a longo prazo)

A planificação anual é uma previsão de todas as actividades escolares para a disciplina durante um ano lectivo, tendo por objectivo tornar o ensino mais integrado, eficiente e com sentido de continuidade.

A planificação anual que seguidamente se apresenta em forma de abordagem, foi concebida pelo grupo disciplinar no início do ano lectivo.

Os conteúdos programáticos previstos para o 2º ciclo do ensino básico estão divididos por doze diferentes níveis. Do nível 1 ao nível 6 são direccionados ao 5º ano e do 7 ao 12 são para o 6º ano de escolaridade.

Em cada um dos períodos lectivos são abordados dois diferentes níveis. Assim, no primeiro período é abordado o nível 1 e o 2, no segundo período trabalham-se os níveis 3 e 4 e no terceiro período o quinto e sexto nível. É importante frisar que o nível 6 destina-se

sobretudo a consolidar os conteúdos programáticos adquiridos ao longo do ano lectivo. Esta planificação periódica pode ser considerada uma planificação a médio prazo.

Em cada um dos seis níveis são sempre trabalhados os conceitos de timbre, ritmo, altura, dinâmica e forma. No primeiro destes conceitos são abordadas sobretudo as diferentes fontes sonoras convencionais e não convencionais e o timbre vocal e instrumental. No segundo conceito são trabalhados os andamentos, os compassos, a pulsação, algumas figuras musicais, entre outros. No conceito de altura aborda-se a altura definida e indefinida, o agudo e o grave, algumas escalas, melodia e harmonia, diferentes texturas e algumas notas na pauta. Relativamente ao conceito de dinâmica, está previsto trabalhar as diferentes intensidades e os crescendos e diminuendos. Por último, na forma são abordados os elementos repetitivos e contrastantes, as formas binária e ternária, a forma *rondó* e a coda.

#### II. 1.6. Aulas leccionadas – planificações diárias

O tipo de planificações seguidamente apresentadas refere-se unicamente à minha actividade lectiva ao longo do estágio. A este tipo de planificações podem-se chamar planificações a curto prazo, visto serem concebidas para serem postas em prática na aula seguinte à sua elaboração.

Concretamente, a execução da planificação de ensino e do processo de ensino – aprendizagem é representado pela aula, ou seja, é na aula que é posto em prática o que anteriormente foi planeado e é na aula que o educando é orientado para realizar tarefas que lhe proporcionem aprendizagem. A planificação diária dessas aulas é a previsão mais objectiva de todas as actividades escolares que contribuem para o processo de ensino – aprendizagem do aluno.

Assim, a planificação de aula é como que uma reflexão sobre o trabalho a ser realizado na turma, uma vez que o professor pensa anteriormente sobre o que será feito, como será feito e também o que deverão fazer os seus alunos. Nessa planificação também devem ser abordados os recursos materiais necessários, os procedimentos didácticos que melhor se ajustem ao tipo de tarefa a ser executada e o tempo previsto para cada actividade. As planificações por mim realizadas durante este estágio, seguidamente apresentadas, contêm os seguintes elementos: conteúdos, competências essenciais, metodologias, recursos, avaliação e tempo previsto para a actividade. Estas mencionam também outras informações, tais como, a turma a que se destina a mesma, a data e o nome da escola.

## PLANIFICAÇÃO DE AULA

Escola EB 2, 3 Fernando Pessoa

Hora: 13.30 – 15.00

Turma: 5º 2ª

1ªAula (19/04/2010)

CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	METODOLOGIAS	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPOS
<p>TIMBRE</p> <p>RITMO</p> <p>ALTURA</p> <p>DINÂMICA</p> <p>FORMA</p>	<p>- FONTES SONORAS – VOCAL, CORPORAL E INSTRUMENTAL.</p> <p>- PULSAÇÃO – BINÁRIA, TERNÁRIA,</p> <p>- REPRODUZIR VOCAL E INSTRUMENTALMENTE NOTAS MUSICAIS</p> <p>- IDENTIFICAR DIFERENTES INTENSIDADES DOS SONS</p> <p>- IDENTIFICAR INTRODUÇÃO E FORMA AB</p>	<p>- REPRODUÇÃO DE VÁRIOS SONS CORPORAIS;</p> <p>- INTERPRETAÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL DE CANÇÕES POPULARES PORTUGUESAS: “CHAPÉU DE 3 BICOS” E “FADO CORRIDO”;</p> <p>- REPRODUÇÃO DE PADRÕES RÍTMICOS EM DIVISÃO BINÁRIA E TERNÁRIA;</p> <p>- ENTOAÇÃO DE VÁRIOS PADRÕES MELÓDICOS NA TONALIDADE MAIOR E MENOR E ENTOAÇÃO E INTERPRETAÇÃO NA FLAUTA DA CANÇÃO “FADO CORRIDO”;</p> <p>- REPRODUÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL DE SONS – F/P;</p> <p>- INTERPRETAÇÃO NA FLAUTA DE MELODIAS EM FORMA BINÁRIA E COM INTRODUÇÃO.</p>	<p>COMPUTADOR</p> <p>MANUAL</p> <p>FLAUTA DE BISEL</p> <p>PIANO</p> <p>CD ÁUDIO</p> <p>PARTITURAS</p> <p>PROJECTOR MULTIMÉDIA</p>	<p>OBSERVAÇÃO DIRECTA E FOCADA:</p> <p>- COMPORTAMENTO</p> <p>- ATITUDE</p> <p>- PARTICIPAÇÃO</p> <p>- CUMPRIMENTO DE REGRAS</p> <p>- AUTONOMIA</p>	<p>- 8` PARA FAZER A CHAMADA E UMA PEQUENA INTRODUÇÃO</p> <p>- 10` PARA FAZER OS PADRÕES</p> <p>- RESTANTE TEMPO PARA TRABALHAR AS CANÇÕES</p>

## PLANIFICAÇÃO DE AULA

Escola EB 2, 3 Fernando Pessoa

Hora: 13.30 – 15.00

Turma: 5º 2ª

2ª Aula (03/05/2010)

CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	METODOLOGIAS	RECURSOS	AValiação	TEMPOS
<p>TIMBRE</p> <p>RÍTMO</p> <p>ALTURA</p> <p>FORMA</p>	<p>- FONTES SONORAS CORPORAIS, VOCAIS E INSTRUMENTAIS.</p> <p>- PULSAÇÃO – BINÁRIA, TERNÁRIA,</p> <p>- REPRODUZIR VOCAL E INSTRUMENTALMENTE NOTAS MUSICAIS</p> <p>- IDENTIFICAR INTRODUÇÃO E FORMA ABA.</p>	<p>- INTERPRETAÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL DE CANÇÕES POPULARES PORTUGUESAS: “A NOITE”;</p> <p>- REPRODUÇÃO DE PADRÕES RÍTMICOS EM DIVISÃO BINÁRIA E TERNÁRIA;</p> <p>- IMPROVISACÕES RÍTMICAS;</p> <p>- ENTOAÇÃO DE VÁRIOS PADRÕES MELÓDICOS NA TONALIDADE MAIOR E MENOR;</p> <p>- ENTOAÇÃO E INTERPRETAÇÃO NA FLAUTA DA CANÇÃO “A NOITE”;</p> <p>- INTERPRETAÇÃO NA FLAUTA DE UMA MELODIA EM FORMA TERNÁRIA.</p>	<p>COMPUTADOR</p> <p>MANUAL</p> <p>FLAUTA DE BISEL</p> <p>PIANO</p> <p>CD ÁUDIO</p> <p>PARTITURAS</p> <p>PROJECTOR MULTIMÉDIA</p>	<p>OBSERVAÇÃO DIRECTA NA SALA DE AULA:</p> <p>- COMPORTAMENTO</p> <p>- ATITUDE</p> <p>- PARTICIPAÇÃO E DESEMPENHO</p> <p>- CUMPRIMENTO DE REGRAS</p> <p>- AUTONOMIA</p>	<p>- 8` PARA FAZER A CHAMADA, ESCREVER O SUMÁRIO E FAZER UMA PEQUENA INTRODUÇÃO</p> <p>- 10` PARA FAZER OS PADRÕES</p> <p>- RESTANTE TEMPO PARA TRABALHAR A CANÇÃO</p>

## PLANIFICAÇÃO DE AULA

**Escola EB 2, 3 Fernando Pessoa**

**Hora: 13.30 – 15.00**

**Turma: 5º 2ª**

**3ª Aula (24/05/2010)**

CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	METODOLOGIAS	RECURSOS	AValiação	TEMPOS
<p>TIMBRE</p> <p>RITMO</p> <p>ALTURA</p> <p>DINÂMICA</p> <p>FORMA</p>	<p>- FONTES SONORAS – VOCAL, CORPORAL E INSTRUMENTAL..</p> <p>- PULSAÇÃO – BINÁRIA E TERNÁRIA</p> <p>- REPRODUZIR VOCAL E INSTRUMENTALMENTE NOTAS MUSICAIS</p> <p>- IDENTIFICAR E REPRODUZIR DIFERENTES INTENSIDADES DOS SONS</p> <p>- IDENTIFICAR INTRODUÇÃO E FORMA BINÁRIA</p>	<p>- INTERPRETAÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL DE CANÇÕES;</p> <p>- REPRODUÇÃO DE PADRÕES RÍTMICOS EM DIVISÃO BINÁRIA E TERNÁRIA;</p> <p>- ENTOAÇÃO DE VÁRIOS PADRÕES MELÓDICOS NA TONALIDADE MAIOR E MENOR;</p> <p>- INTERPRETAÇÃO NA FLAUTA DAS CANÇÕES: “PÉROLA DO ORIENTE”; “FADO CORRIDO” E “A NOITE”;</p> <p>- REPRODUÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL DE SONS – F/P;</p> <p>- INTERPRETAÇÃO NA FLAUTA DE MELODIAS EM FORMA BINÁRIA E COM INTRODUÇÃO.</p>	<p>COMPUTADOR</p> <p>MANUAL</p> <p>FLAUTA DE BISEL</p> <p>PIANO</p> <p>CD ÁUDIO</p> <p>PARTITURAS</p> <p>PROJECTOR MULTIMÉDIA</p>	<p>OBSERVAÇÃO DIRECTA:</p> <p>- COMPORTAMENTO</p> <p>- ATITUDE</p> <p>- PARTICIPAÇÃO</p> <p>- CUMPRIMENTO DE REGRAS</p> <p>- AUTONOMIA</p>	<p>- 8` PARA FAZER A CHAMADA E UMA PEQUENA INTRODUÇÃO</p> <p>- 10` PARA FAZER OS PADRÕES</p> <p>- RESTANTE TEMPO PARA TRABALHAR AS CANÇÕES</p>



## PLANIFICAÇÃO DE AULA

**Escola EB 2, 3 Fernando Pessoa**

**Hora: 13.30 – 15.00**

**Turma: 5º 2ª**

**4ª Aula (31/05/2010)**

CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	METODOLOGIAS	RECURSOS	AValiação	TEMPOS
<p>TIMBRE</p> <p>RITMO</p> <p>ALTURA</p> <p>DINÂMICA</p> <p>FORMA</p>	<p>- FONTES SONORAS – VOCAL, CORPORAL E INSTRUMENTAL.</p> <p>- PULSAÇÃO – BINÁRIA, TERNÁRIA; OSTINATO RÍTMICO E IMPROVISACÃO RÍTMICA</p> <p>- REPRODUZIR VOCAL E INSTRUMENTALMENTE NOTAS MUSICAIS</p> <p>- IDENTIFICAR E REPRODUZIR DIFERENTES INTENSIDADES DOS SONS</p> <p>- IDENTIFICAR: INTRODUÇÃO E FORMA A B</p>	<p>- INTERPRETAÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL DE CANÇÕES;</p> <p>- REPRODUÇÃO DE PADRÕES RÍTMICOS EM DIVISÃO BINÁRIA E TERNÁRIA E DE OSTINATOS RÍTMICOS;</p> <p>- IMPROVISACÃO RÍTMICA;</p> <p>- ENTOACÃO DE VÁRIOS PADRÕES MELÓDICOS NA TONALIDADE MAIOR E MENOR E INTERPRETAÇÃO NA FLAUTA DA CANÇÃO: “JIMBA PAPALUSKA”;</p> <p>- REPRODUÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL DE SONS – F/P;</p> <p>- INTERPRETAÇÃO NA FLAUTA DE MELODIAS EM FORMA BINÁRIA E COM INTRODUÇÃO.</p>	<p>COMPUTADOR</p> <p>MANUAL</p> <p>FLAUTA DE BISEL</p> <p>PIANO</p> <p>CD ÁUDIO</p> <p>PARTITURAS</p> <p>PROJECTOR MULTIMÉDIA</p>	<p>OBSERVAÇÃO DIRECTA:</p> <p>- COMPORTAMENTO</p> <p>- ATITUDE</p> <p>- PARTICIPAÇÃO</p> <p>- CUMPRIMENTO DE REGRAS</p> <p>- AUTONOMIA</p>	<p>- 8` PARA FAZER A CHAMADA E UMA PEQUENA INTRODUÇÃO</p> <p>- 10` PARA FAZER OS PADRÕES</p> <p>- RESTANTE TEMPO PARA TRABALHAR AS CANÇÕES</p>

## PLANIFICAÇÃO DE AULA

**Escola EB 2, 3 Fernando Pessoa**

**Hora: 13.30 – 15.00**

**Turma: 5º 2ª**

**5ª Aula (07/06/2010)**

CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	METODOLOGIAS	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPOS
<p>TIMBRE</p> <p>RITMO</p> <p>ALTURA</p> <p>DINÂMICA</p>	<p>- FONTES SONORAS – VOCAL E INSTRUMENTAL.</p> <p>- PULSAÇÃO – BINÁRIA;</p> <p>- AUDIÇÃO INSTRUMENTAL DE NOTAS MUSICAIS</p> <p>- REPRODUZIR VOCAL E INSTRUMENTALMENTE NOTAS MUSICAIS</p> <p>- EXECUTAR DIFERENTES INTENSIDADES DOS SONS</p>	<p>- INTERPRETAÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL</p> <p>- AUDIÇÃO DOS INSTRUMENTOS DA ORQUESTRA</p> <p>- INTERPRETAÇÃO DA CANÇÃO: “É VERÃO”</p> <p>- REPRODUÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL DE SONS – F/P</p>	<p>COMPUTADOR</p> <p>MANUAL</p> <p>IMAGENS DE INSTRUMENTOS</p> <p>FLAUTA DE BISEL</p> <p>PIANO</p> <p>CD ÁUDIO</p> <p>PARTITURAS</p> <p>PROJECTOR MULTIMÉDIA</p>	<p>OBSERVAÇÃO DIRECTA:</p> <p>- COMPORTAMENTO</p> <p>- ATTITUDE</p> <p>- PARTICIPAÇÃO</p> <p>- CUMPRIMENTO DE REGRAS</p> <p>- AUTONOMIA</p>	<p>- 8` PARA FAZER A CHAMADA E UMA PEQUENA INTRODUÇÃO</p> <p>- 50` PARA ABORDAR OS INSTRUMENTOS</p> <p>- RESTANTE TEMPO PARA TRABALHAR AS CANÇÕES</p>

## II. 1.7. Sumários das aulas leccionadas

### Educação Musical 2009/2010

#### Aulas dadas na turma 5º 2ª

2ª Feira 19-04-10	Lições ns. 1 e 2	<b>Sumário:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Padrões rítmicos em métrica binária e ternária e padrões melódicos nas tonalidades de maior e menor;</li><li>- Canção “O meu chapéu tem 3 bicos” no modo Maior e menor (ANEXO E). Exploração de diferentes dinâmicas de intensidade;</li><li>- Interpretação vocal e instrumental da canção: “Fado Corrido” (ANEXO F).</li></ul>
2ª Feira 03-05-10	Lições ns. 3 e 4	<b>Sumário:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Padrões melódicos e padrões e improvisações rítmicas;</li><li>- Interpretação vocal e instrumental da canção: “A noite” dos Sitiados (ANEXO G);</li></ul>
2ª Feira 24-05-10	Lições ns. 5 e 6	<b>Sumário:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Padrões rítmicos e padrões melódicos;</li><li>- Revisão das canções: “Fado Corrido” e “A Noite”;</li><li>- Interpretação e improvisação instrumental da canção: Pérola do Oriente (ANEXO H); Improvisação melódica.</li></ul>
2ª Feira 31-05-10	Lições ns. 7 e 8	<b>Sumário:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Padrões rítmicos e padrões melódicos;</li><li>- O ostinato;</li><li>- Interpretação vocal e instrumental da canção: “<i>Jimba Papaluska</i>” (ANEXO I);</li></ul>
2ª Feira 07-05-10	Lições ns. 9 e 10	<b>Sumário:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- A constituição da orquestra sinfónica;</li><li>- Visualização e audição dos seus instrumentos;</li><li>- Interpretação vocal e instrumental da canção: “É verão” (ANEXO J);</li></ul>

## II. 2. A turma do 7º 2ª

### II. 2.1. Caracterização da turma

Esta turma é constituída por 28 alunos, 12 Rapazes e 16 Raparigas. Como é normal, a turma foi dividida em duas partes. Uma parte tinha música e outra EVT. No segundo semestre ambas as metades trocavam.

No segundo semestre, que foi o grupo com o qual eu mais trabalhei, esta metade da turma era constituída por cinco rapazes e sete raparigas.

A média de idades destes doze alunos é precisamente doze anos, ou seja, todos eles têm doze anos e têm em média 1,8 irmãos.

Em relação às notas de Educação Musical no segundo período de avaliação a média da classificação é de 4,4. Assim, dois alunos tiveram nota três, três alunos tiveram nota quatro e sete tiveram nota máxima (cinco).

Louvavelmente, neste grupo não houve qualquer negativa no período de avaliação anterior.

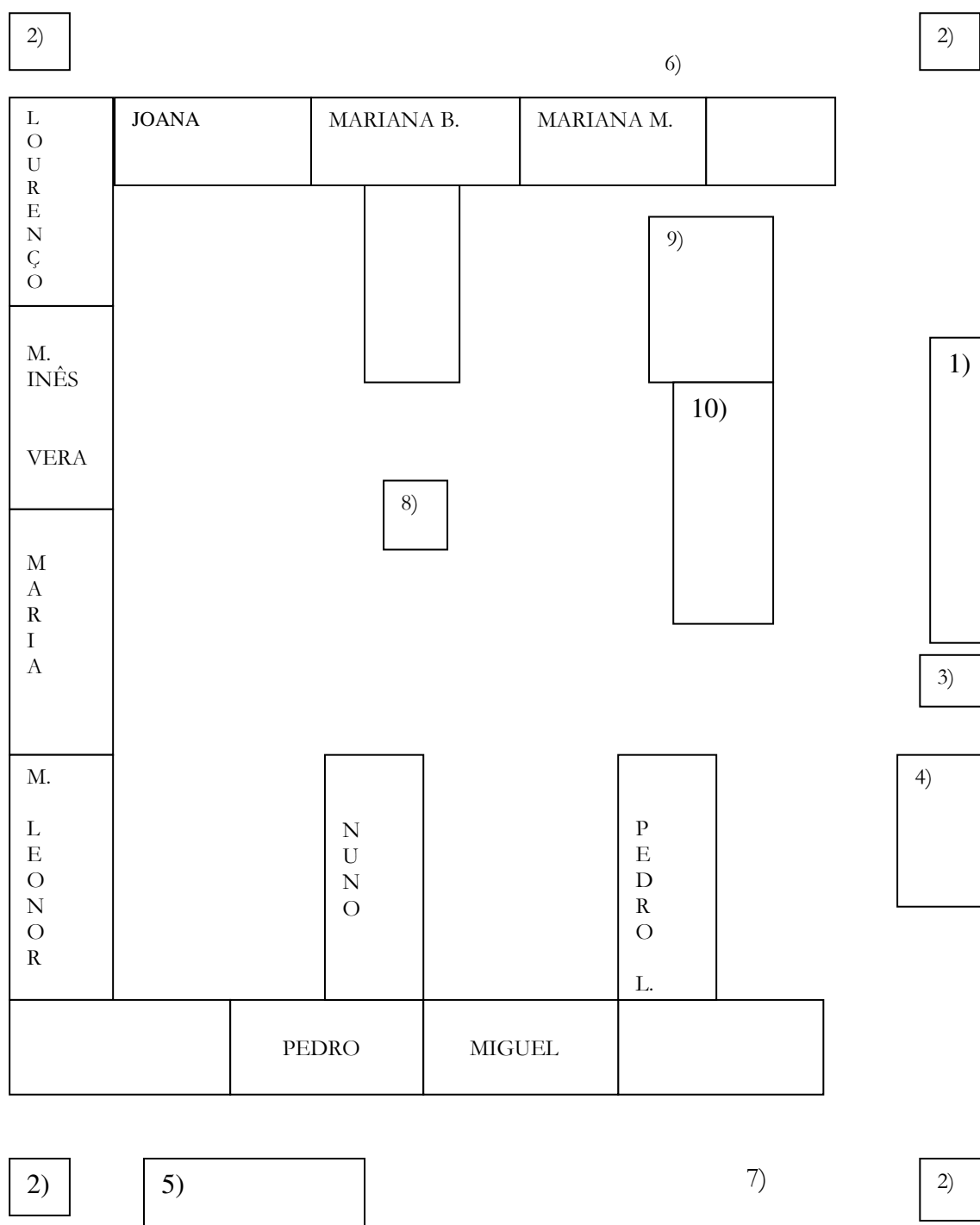
A esmagadora maioria destes alunos são provenientes da freguesia de Santa Maria dos Olivais (sete alunos), dois são de Moscavide, um da Charneca, um de Cotovios e um de Sacavém.

A Educação Física e a História são as disciplinas favoritas dos alunos com quatro e três votações, respectivamente. O Espanhol com três votações e o Inglês com duas são as disciplinas que os alunos consideram menos atractivas.

Relativamente às actividades que os alunos mais gostam de realizar nas aulas de música a esmagadora maioria diz que tocar instrumentos é o que mais gostam de fazer na aula. Contudo, há dois alunos que dizem não gostar de tocar flauta. Quanto ao que menos gostam, são as actividades relacionadas com a leitura e a escrita e as actividades mais teóricas.

Tal como na turma do 5º ano, a maioria destes dados foi obtida através do preenchimento de um inquérito anónimo por parte dos alunos. O mesmo foi idêntico ao distribuído no 5º ano e encontra-se em anexo (ANEXO D).

## II. 2.2. Mapa da disposição dos alunos na sala



1) Quadro com marcadores

2) Colunas

3) Computador

4) Armário

5) Estante

6) Porta exterior

7) Porta interior

8) Retroprojector

9) Secretária prof.

10) Mesa do piano

### II. 2.3. Aulas observadas

Mais uma vez faço questão de frisar a importância da presença nas aulas leccionadas pela orientadora de estágio, pois elas são fundamentais.

Para o cidadão comum é natural que haja a ideia de que leccionar a uma turma do 5º ano e outra do 7º seja a mesma coisa. Mas não é. Aliás, é muito diferente. Além de programas completamente diferentes, são alunos diferentes, são idades diferentes e são turmas mais reduzidas. Além disso, os alunos do 7º ano já tiveram uma orientação musical formal em anos anteriores, ao contrário de muitos dos alunos do 5º ano.

As aulas da professora Marta eram leccionadas de uma forma completamente diferente num nível e no outro. No entanto, acho pertinente mencionar o facto dos alunos da turma do 5º ano com a qual mais trabalhei serem demasiadamente infantis e em alguns casos mal comportados. Por conseguinte, era necessário alterar métodos e estratégias para trabalhar com eles, caso contrário, seria bastante complicado. Contrariamente, os da turma do 7º eram muito empenhados e na maioria dos casos excelentes alunos.

O programa abordado no 7º ano é bastante mais livre do que o de níveis anteriores. De um conjunto de nove temas, unidades ou módulos escolhidos pelos responsáveis ministeriais, foram escolhidos nesta escola as unidades quatro e nove, respectivamente, música tradicional e música pop/rock.

### II. 2.4. Planificação anual

Tal como as planificações das turmas do 5º ano, a planificação anual que seguidamente se apresenta, foi concebida pelo grupo disciplinar no início do ano lectivo.

Contrariamente ao que acontece no 5º ano de escolaridade, o currículo de Educação Musical do 7º ano está organizado segundo módulos. Estes são nove e incidem todos sobre temas bem distintos uns dos outros. Evidentemente não é possível trabalhá-los todos. Assim, os professores de cada escola escolhem livremente quais os módulos a trabalhar durante o semestre, uma vez que a disciplina de Educação Musical no 3º ciclo é dividida com a disciplina de Educação Visual e Tecnológica. Na escola EB 2,3 Fernando Pessoa as turmas do 7º ano foram contempladas com os módulos temáticos 4 e 9, respectivamente, memórias e tradições (em torno da música portuguesa) e música pop e rock (em torno dos estilos musicais). No primeiro módulo são abordados os conteúdos origem e evolução da música pop e rock, características da mesma, compositores, as

tecnologias na execução e interpretação musical, tecnologias MIDI na criação e percepção musicais e técnicas de gravação. No segundo módulo é abordada a música portuguesa, os seus compositores e intérpretes, os seus diferentes estilos e géneros, as tecnologias na execução e composição da música portuguesa e os elementos de um espectáculo musical.

#### II. 2.5. Aulas leccionadas – planificações diárias

Este tipo de planificações, seguidamente apresentadas, refere-se unicamente à minha actividade lectiva ao longo do estágio na turma do 7º ano.

## PLANIFICAÇÃO DE AULA

**Escola EB 2, 3 Fernando Pessoa**

**Hora: 15.00 – 16.30**

**Turma: 7º 1ª**

**1ª Aula (19/05/2010)**

CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	METODOLOGIAS	RECURSOS	AValiação	TEMPOS
MÚSICA POP E ROCK PORTUGUESA	CONHECER E COMPREENDER AS ORIGENS, A EVOLUÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES NA MÚSICA POP/ROCK, A NÍVEL NACIONAL	AUDIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE CANÇÕES POP E ROCK PORTUGUESAS	- INSTRUMENTOS MUSICAIS DA SALA DE AULA - COMPUTADOR	OBSERVAÇÃO DIRECTA: - COMPORTAMENTO - ATTITUDE	- 5 MINUTOS PARA OS ALUNOS SE SENTAREM E ESCREVEREM O SUMÁRIO
	CONHECER VÁRIOS COMPOSITORES, INTÉRPRETES E BANDAS	LEITURAS RÍTMICAS E MELÓDICAS DESSAS CANÇÕES	- MANUAL - FLAUTA DE BISEL	- PARTICIPAÇÃO	
	IDENTIFICAR AS CARACTERÍSTICAS DA MÚSICA POP E ROCK	EXECUÇÃO DE MELODIAS NOS XILOFONES	- PIANO - HI-FI - PARTITURAS	- CUMPRIMENTO DE REGRAS - AUTONOMIA	- 85 MINUTOS PARA O RESTANTE TRABALHO
		REPRODUÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL	- PROJECTOR MULTIMÉDIA		
		IDENTIFICAÇÃO AUDITIVA DE ACORDES			



## PLANIFICAÇÃO DE AULA

**Escola EB 2, 3 Fernando Pessoa**

**Hora: 15.00 – 16.30**

**Turma: 7º 1ª**

**2ª Aula (31/05/2010)**

CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	METODOLOGIAS	RECURSOS	AValiação	TEMPOS
MÚSICA POP E ROCK PORTUGUESA	CONHECER E COMPREENDER AS ORIGENS, A EVOLUÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES NA MÚSICA POP/ROCK, A NÍVEL NACIONAL	AUDIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE CANÇÕES POP E ROCK	- INSTRUMENTOS MUSICAIS DA SALA DE AULA  - COMPUTADOR	OBSERVAÇÃO DIRECTA: - COMPORTAMENTO  - ATITUDE	- 5 MINUTOS PARA OS ALUNOS SENTAREM E ESCRIVEREM O SUMÁRIO
	CONHECER VÁRIOS COMPOSITORES, INTÉRPRETES E BANDAS E CANÇÕES	LEITURAS RÍTMICAS E MELÓDICAS DE CANÇÕES	- MANUAL  - FLAUTA DE BISEL	- PARTICIPAÇÃO	
	IDENTIFICAR AS CARACTERÍSTICAS DA MÚSICA POP E ROCK	EXECUÇÃO DE MELODIAS NOS XILOFONES: “O HOMEM DO LEME”	- PIANO  - HI-FI	- CUMPRIMENTO DE REGRAS  - AUTONOMIA	- 85 MINUTOS PARA O RESTANTE TRABALHO
		REPRODUÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL	- PARTITURAS  - PROJECTOR MULTIMÉDIA		
		IDENTIFICAÇÃO AUDITIVA DE ACORDES E DAS SUAS PROGRESSÕES			

## PLANIFICAÇÃO DE AULA

**Escola EB 2, 3 Fernando Pessoa**

**Hora: 15.00 – 16.30**

**Turma: 7º 1ª**

**3ªAula (07/06/2010)**

CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	METODOLOGIAS	RECURSOS	AValiação	TEMPOS
MÚSICA POP E ROCK PORTUGUESA	CONHECER E COMPREENDER AS ORIGENS, A EVOLUÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES NA MÚSICA POP/ROCK, A NÍVEL NACIONAL	AUDIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA CANÇÃO “NÃO HÁ ESTRELAS NO CÉU”	- INSTRUMENTOS MUSICAIS DA SALA DE AULA - COMPUTADOR	OBSERVAÇÃO DIRECTA: - COMPORTAMENTO - ATTITUDE	- 5 MINUTOS PARA OS ALUNOS SE SENTAREM E ESCREVEREM O SUMÁRIO
	CONHECER VÁRIOS COMPOSITORES, INTÉRPRETES E BANDAS	LEITURAS RÍTMICAS E MELÓDICAS DE CANÇÕES	- MANUAL - FLAUTA DE BISEL	- PARTICIPAÇÃO	
	IDENTIFICAR AS CARACTERÍSTICAS DA MÚSICA POP E ROCK	EXECUÇÃO DESSA MELODIA NA FLAUTA	- PIANO - HI-FI - PARTITURAS	- CUMPRIMENTO DE REGRAS - AUTONOMIA	- 85 MINUTOS PARA O RESTANTE TRABALHO
		REPRODUÇÃO VOCAL	PROJECTOR MULTIMÉDIA		
		REPRODUÇÃO INSTRUMENTAL DA CANÇÃO “O HOMEM DO LEME”			

## PLANIFICAÇÃO DE AULA

**Escola EB 2, 3 Fernando Pessoa**

**Hora: 10.05 – 11.35**

**Turma: 7º 2ª**

**4ª Aula (11/06/2010)**

CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	METODOLOGIAS	RECURSOS	AValiação	TEMPOS
MÚSICA POP E ROCK PORTUGUESA	CONHECER E COMPREENDER AS ORIGENS, A EVOLUÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES NA MÚSICA POP/ROCK, A NÍVEL NACIONAL	AUDIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA CANÇÃO: “SE TE AMO”	- INSTRUMENTOS MUSICAIS DA SALA DE AULA	OBSERVAÇÃO DIRECTA:	- 5 MINUTOS PARA OS ALUNOS SENTAREM E ESCREVEREM O SUMÁRIO
	CONHECER VÁRIOS COMPOSITORES, INTÉRPRETES, BANDAS E CANÇÕES	LEITURA RÍTMICA E MELÓDICA DESTA CANÇÃO	- COMPUTADOR	- COMPORTAMENTO	
			- PIANO	- ATTITUDE	
	IDENTIFICAR AS CARACTERÍSTICAS DA MÚSICA POP E ROCK	EXECUÇÃO DE MELODIAS NOS XILOFONES	- HI-FI	- PARTICIPAÇÃO	- 85 MINUTOS PARA O RESTANTE TRABALHO
		REPRODUÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL	- PARTITURAS	- CUMPRIMENTO DE REGRAS	
		IDENTIFICAÇÃO AUDITIVA DE ACORDES E PROGRESSÕES DE ACORDES	- PROJECTOR MULTIMÉDIA	- AUTONOMIA	

## PLANIFICAÇÃO DE AULA

**Escola EB 2, 3 Fernando Pessoa**

**Hora: 13.30 – 15.00**

**Turma: 7º 2ª**

**5ªAula (17/06/2010)**

CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	METODOLOGIAS	RECURSOS	AValiação	TEMPOS
MÚSICA POP E ROCK PORTUGUESA	CONHECER E COMPREENDER AS ORIGENS, A EVOLUÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES NA MÚSICA POP/ROCK, A NÍVEL NACIONAL	AUDIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA CANÇÃO: “NASCE SELVAGEM”	- INSTRUMENTOS MUSICAIS DA SALA DE AULA	OBSERVAÇÃO DIRECTA:	-5 MINUTOS PARA OS ALUNOS SE SENTAREM E ESCREVEREM O SUMÁRIO
	CONHECER VÁRIOS COMPOSITORES, INTÉRPRETES, BANDAS E CANÇÕES	LEITURA RÍTMICA E MELÓDICA DESTA CANÇÃO	- COMPUTADOR	- COMPORTAMENTO	
	IDENTIFICAR AS CARACTERÍSTICAS DA MÚSICA POP E ROCK	EXECUÇÃO DESSAS MELODIAS NOS XILOFONES	- PIANO	- ATTITUDE	
			- HI-FI	- PARTICIPAÇÃO	
		REPRODUÇÃO VOCAL E INSTRUMENTAL DE CANÇÕES	- PARTITURAS	- CUMPRIMENTO DE REGRAS	- 85 MINUTOS PARA O RESTANTE TRABALHO
		IDENTIFICAÇÃO AUDITIVA DE ACORDES E PROGRESSÕES DE ACORDES	- PROJECTOR MULTIMÉDIA	- AUTONOMIA	

II. 2.6. Sumários relativos às aulas dadas:

**Educação Musical 2009/2010**

**Aulas das na turma 7º 2ª**

2ª Feira 24-05-10	Lições ns. 1 e 2	<b>Sumário:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Breve história sobre o rock português e biografia de dois dos principais agrupamentos musicais;</li><li>- Execução vocal e instrumental.</li></ul>
2ª Feira 31-05-10	Lições ns. 3 e 4	<b>Sumário:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Identificação auditiva de acordes maiores e menores e identificação auditiva das progressões harmónicas;</li><li>- Execução vocal e instrumental da canção “Não há estrelas no céu” de Rui Veloso (ANEXO K);</li></ul>
2ª Feira 07-06-10	Lições ns. 5 e 6	<b>Sumário:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Continuação da execução da canção “Não há estrelas no céu”;</li><li>- Biografia e obra da banda “Xutos e Pontapés”;</li><li>Execução vocal e instrumental da canção “Homem do leme” (ANEXO L);</li></ul>
6ª Feira 11-06-10	Lições ns. 7 e 8	<b>Sumário:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Biografia e obra da banda: “Quinta do bill”;</li><li>- Identificação auditiva e interpretação de acordes maiores e menores;</li><li>- Identificação auditiva das progressões harmónicas;</li><li>- Execução vocal e instrumental da canção: <i>Se te amo</i> (ANEXO M);</li></ul>
5ª Feira 17-06-10	Lições ns. 9 e 10	<b>Sumário:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Biografia e obra da banda: “Delfins”; Execução vocal e instrumental da canção “Nasce Selvagem” (ANEXO N);</li><li>- Identificação auditiva e interpretação de acordes maiores e menores;</li></ul>

## II. 3. Reflexão sobre a escola na actualidade

A escola diz demasiado respeito a cada um de nós para que seja fácil falar dela sem paixão. Inscreve-se tanto na história de uma sociedade como na história individual de cada um de nós. Todos nós guardamos recordações do tempo que lá passamos. É na escola que passamos grande parte da nossa infância, adolescência e juventude. É lá que fazemos muitas das amizades que vão durar para toda a vida, é lá que crescemos, é lá que nos fazemos homens e mulheres e aprendemos a viver em sociedade e é lá que nos tornamos mais conhecedores e cientes do mundo que nos rodeia.

Cada vez mais, a escola é uma instituição mais complexa, multifuncional, intercultural e de difícil gestão de interesses e de conflitos. A escola já não é só o local onde vamos aprender as matérias escolares. São muitas as suas funções além desta. Cada vez mais, lamentavelmente, esta é a missão menos importante da escola, aos olhos de grande parte da sociedade e em particular dos nossos governantes, o que produzirá várias consequências no futuro, muitas delas já hoje constatáveis. A escola é e sempre foi uma das mais importantes instituições para educar o indivíduo e mediar a sua relação com a sociedade. Essa função de educar caracteriza-se pela transmissão cultural de modelos de comportamentos e valores morais que proporcionem a humanização, a socialização, a educação. Contudo, é essencial não nos limitarmos a estudar a escola no seu universo pedagógico, mas avaliar a sua participação no desenvolvimento da sociedade, fazendo votos para que nela tenha uma participação activa em vez de limitar-se a suportá-la. A escola ocupa cada vez mais a vida dos alunos e em muitos casos vê-se obrigada a substituir os pais que têm cada vez mais tarefas a realizar antes de estarem com os filhos.

Contudo, não obstante a sua insubstituível importância, qualquer cidadão mais ou menos familiarizado com a escola actual, tais como, educadores, educandos, pais, entre outros, consegue ter uma real noção relativamente àquilo a que nos acostumamos denominar por “crise na educação”, embora alguns (sobretudo muitos pais e os governantes) tentem fechar os olhos e pensar que ela não existe. Todos nós temos a perfeita noção da sua existência mas, no entanto, não conhecemos exactamente qual a sua extensão nem quais as suas razões exactas. O indício mais evidente dessa crise é a chocante falta de conhecimentos, alguns deles elementares, de muitos dos alunos que ingressam no ensino secundário e mais tarde no superior, o que tem sido, inclusive, “denunciado” por vários professores, especialistas e investigadores das ciências da educação. Muitos dos alunos que chegam ao secundário, não são capazes de dialogar normalmente com o

professor, não sabem estar na aula, conversam constantemente, não ouvem o professor, etc. Enfim, não estão preparados para aquele nível de ensino. Quando chegam ao ensino superior, estes problemas mantêm-se porque isto provoca um efeito de bola de neve. Assim, não admira que haja tantas desistências no ensino superior. E a razão para tal não são só as dificuldades económicas, ideia que muitos indivíduos têm tentado fazer passar.

Pessoalmente, acho que esta evidente falta de conhecimentos é fruto, sobretudo, de um acumular de métodos e políticas de puro facilitismo por parte dos governantes, que têm apenas o objectivo de “trabalhar” para as estatísticas da OCDE e de outras organizações internacionais. Um dos casos mais flagrantes é a recente iniciativa do programa Novas Oportunidades, nas quais muitos alunos, como foi recentemente noticiado, plagam trabalhos de avaliação e na maioria dos casos, na minha opinião, apenas querem o “canudo”. Muitos destes alunos posteriormente ingressam no ensino superior. Outro bom exemplo é a quase ausência de reprovações de ano. Têm sido noticiados ano após ano, inúmeros exemplos de alunos que transitam de ano com quatro, cinco e mais negativas, o que é deveras preocupante. Para muitos governantes parece que a resolução do problema passa por tornar mais fáceis as transições de ano. Não convém que o aluno fique retido porque o estado está a gastar muito dinheiro com as retenções e, portanto, há que descobrir uma fórmula mágica para de o aluno (preguiçoso, indisciplinado, etc.) passar, mesmo que ele não queira. Evidentemente, estes alunos mais tarde ou mais cedo “pagarão” a factura de todo este facilitismo. Se eles têm tantas negativas no final do ano é porque não adquiriram conhecimentos suficientes, logo, muito provavelmente, terão muitas dificuldades de integração num mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Uma coisa que eu acho muitíssimo estranha é que os pais e as associações que os representam, não criticam abertamente este sistema facilitista que está a condenar o futuro desta geração de jovens. Deveria ser do interesse dos pais que os seus filhos saíssem da escola bem preparados para enfrentar o já muito exigente e de difícil acesso mercado de trabalho. Será que os pais não vêm a (falta de) qualidade do actual ensino público? Talvez até vejam. Contudo, eles andam embalados na ideia que é preferível que os filhos passem do que fiquem retidos. E como a falta de qualidade é para todos! A pensarem assim, os pais que se cuidem, uma vez que aqueles que têm maior poder económico, que são uma minoria, colocam os seus filhos nas escolas particulares de reconhecido mérito. Na hora de se candidatarem a um emprego, certamente que estes estarão melhor preparados e mais aptos do que aqueles que estudaram na escola pública e transitaram de ano muitas vezes sem sequer merecerem. Lamentavelmente, o ensino público está a degradar-se a um ritmo

alucinante e quem está a ganhar com isto é o ensino privado que aposta na qualidade. E só tem ensino de qualidade quem pode pagar! Muito pessoalmente, acho que um outro motivo que leva os políticos a não se preocuparem com o ensino público é o facto dos seus filhos e netos frequentarem o ensino privado. Logo, estão-se marimbando, peço desculpa pela expressão, para o ensino público.

Para exemplificar que às vezes não é a transitar todos os alunos que se resolvem as coisas, o meu pai costuma dar um bom exemplo. No final no primeiro ano de escolaridade o meu professor, que era muito amigo do meu pai, perguntou-lhe se queria que eu transitasse de ano, apesar de achar que eu não estava suficientemente preparado. O meu pai disse-lhe que não e eu reprovei. Nos anos seguintes fui sempre um dos melhores alunos “da classe”!

Outro enorme problema do ensino e talvez aquele que origina todos ou outros, sobretudo o insucesso escolar, é a indisciplina dos alunos (e por vezes dos pais), tantas vezes consentida pelos responsáveis das escolas e pelo “sistema”. Alguém já pensou na quantidade de horas que um professor passa ao longo do ano a tentar manter ou repor a disciplina dentro da sala de aula? E essas horas fossem passadas a dar matéria? Sem resolver o problema da indisciplina não se resolve o problema do insucesso no básico e, portanto, no secundário. Com efeito, o insucesso no secundário é uma consequência directa do insucesso no básico. Isto também se aplica ao ensino superior. É o tal efeito bola de neve.

Ao longo dos anos, rigorosamente nada tem sido feito para erradicar o problema da indisciplina escolar. Porque será? A verdade é que os sucessivos governos têm medo de enfrentar este problema e dizer aos pais que há um grave problema de indisciplina para resolver. Eles têm medo porque sabem que os pais e encarregados de educação também são culpados deste problema. Os governos precisam de votos, e como os pais e encarregados de educação, com os filhos e netos no ensino, são uma base eleitoral demasiado forte, não se podem dar ao luxo de por em causa os deveres destes. Na verdade é muito mais fácil utilizar os professores como bodes expiatórios de tudo o que de mal acontece no ensino. Além disso, os professores garantem muito menos votos.

Quando digo que os pais e encarregados de educação são alguns dos culpados, acredito veemente que muitos o são de forma inconsciente e despropositada. Acredito que maioria dos pais tentem dar a melhor educação possível aos seus filhos. No entanto, há inúmeros factores que tornam isto, muitas vezes, quase impossível. Muitos pais quase não têm tempo para falar calmamente com os filhos ao final do dia em virtude dos horários do



seu emprego. Muitas vezes chegam a casa e ainda têm de fazer mil tarefas antes de se deitarem, outros trabalham à noite... Há ainda o problema da separação dos pais que traz certamente consequências negativas aos filhos, sobretudo quando estes estão em idades críticas como, por exemplo, a adolescência. Contudo, o grande problema neste âmbito é, quanto a mim, as cada vez mais graves condições socioeconómicas de muitas famílias portuguesas, provocadas sobretudo pela crescente taxa de desemprego. Uma família que tem dificuldades em pagar as contas no final do mês, dificilmente vive num ambiente feliz e positivo. A falta de dinheiro frequentemente origina discussões, nervosismo e mau ambiente no seio de uma família.

Quando falamos da “nossa escola”, é inevitável falar da classe docente. Mais do que nunca, estes profissionais não podem ser considerados apenas aqueles de “dão a aula” ou que ensinam a matéria. As suas funções não se esgotam nos limites das quatro paredes da sala e também não podem ser vistos apenas como um “representante” do sistema de ensino. Os professores têm que ser vistos como pessoas compostas de diferentes conhecimentos, saberes, experiências, dúvidas, ambições, etc. Enfim, não se deve separar o educador da pessoa. Não basta que os professores tenham o domínio absoluto do conhecimento da sua disciplina. É essencial entender e atender o aluno através do conhecimento das suas necessidades e ser, enfim, um “pedagogo”. A competência que é solicitada aos professores, vai muito para além daquela que se refere aos saberes específicos da sua área disciplinar. A estes saberes, devem-se também acrescentar o conhecimento e a capacidade de lidar com o aluno, de lidar com toda a informação que chega à aula por diversas formas, ou seja, é importante que o professor tenha uma vasta gama de saberes diferenciados e com a necessária sensibilidade para disponibilizá-los adequadamente.

Quanto à situação profissional desta classe, a mesma é bastante delicada e isto reflecte-se, evidentemente, no seu desempenho profissional, o que também prejudica os alunos, que são aqueles que têm menos culpa. Mais do que os sucessivos cortes nos direitos dos docentes, a quantidade de trabalho burocrático com que são diariamente bombardeados, não ajuda nada a melhorar o seu desempenho diário e a qualidade do ensino. Esta erosão da sua situação profissional, que se tem acentuado nos últimos anos, em nada contribui para a melhoria da educação e da formação das novas gerações e é evidente que têm que ser tomadas medidas políticas. Dar mais estabilidade ao corpo docente através de uma vinculação mais duradoura às escolas traduzia-se, em princípio, numa melhoria de ensino e também iria beneficiar, certamente, o dia-a-dia dos docentes.

Uma redução da carga burocrática atribuída aos professores também seria benéfica, uma vez que esse tempo poderia ser melhor rentabilizado.

Certamente, não será difícil constatar que eu tenho uma opinião pouco positiva relativamente a várias questões que abordei e que estão ligadas à escola pública da actualidade. Contudo, tenho também uma visão de optimismo e sobretudo de esperança quanto ao futuro da nossa escola e das nossas crianças e jovens. O acesso cada vez mais fácil às novas tecnologias de informação certamente que a seu tempo dará frutos. Neste âmbito são louváveis algumas iniciativas que os governantes tiveram nesta última década. A cada vez maior e melhor preparação científica, humana e pedagógica dos professores também será muito importante num futuro próximo. É em grande parte a esta classe que depende a boa ou má educação e formação dos nossos cidadãos. Portanto, há que prepará-la, apoiá-la, e acima de tudo respeitá-la.

### III. 1. Descrição sumária das actividades

A escolha desta temática, a da avaliação do desempenho rítmico nos alunos do ensino básico é fruto, sobretudo, do meu interesse pelas questões ligadas ao ritmo, ao desempenho rítmico e à avaliação. Além deste meu interesse, numa das reuniões da faculdade com a professora Helena Rodrigues, ela mesmo colocou “em cima da mesa” esta proposta, juntamente com a possibilidade de trabalhar e acompanhar de perto o trabalho que está a ser desenvolvido pelo Doutorando Tiago Veiga. Segundo a professora, esta sugestão teve o propósito de viabilizar um trabalho de investigação com um mínimo de qualidade e, naturalmente, com alguma ligação com a prática de ensino, conforme é requerido nos relatórios da PES (Prática de Ensino Supervisionada).

Assim, nessa reunião ficou decidido que eu, juntamente com outros colegas de curso, deveria participar nos júris de classificação que o Tiago iria propor oportunamente. Segundo a mesma professora, esta é, indubitavelmente, uma excelente forma de aprender algo mais sobre este assunto, uma vez até à data eu estava pouco ou quase nada familiarizado com questões relativas à avaliação de competências rítmicas. Além disso, constituiu de facto um excelente meio de formação para posteriormente efectuar a administração do teste. Ficou também determinado que seria necessário administrar o respectivo teste na escola onde estou a leccionar/estagiar a cerca de cinco (mínimo) ou dez (máximo) alunos de um mesmo grau de ensino. Essa administração do teste foi feita a cinco alunos da turma 5º 2ª, que foram escolhidos aleatoriamente após os respectivos pais assinarem a devida autorização.

Para que a administração do teste fosse correcta e para que houvesse uma prévia sensibilização às questões ligadas à medida e à avaliação, o Doutorando Tiago Veiga fez questão de se disponibilizar para nos acompanhar e orientar em várias sessões de treino onde eu e os meus colegas éramos juízes, em amostras anteriormente recolhidas. Estas amostras eram relativas a vinte crianças (dez do 1º ano e dez do 2º ano), que foram convidadas a testar a executar o Teste de Desempenho Rítmico Vocal TDRV. Para este estudo exploratório foram seleccionados desempenhos dessas vinte crianças em apenas alguns dos padrões incluídos no já citado teste. Estes desempenhos foram classificados individualmente por quatro juízes (3 mestrandos e 1 doutorando) de forma presencial.

Enquanto no primeiro estudo foi tomada a opção de conceber uma escala de classificação contínua que integrasse os diferentes elementos (padrão, métrica e pulsação) em cinco níveis possíveis de desempenho, no segundo estudo exploratório optou-se por uma solução em que cada um destes três factores fosse classificado de forma individual, separadamente em relação aos demais factores.

Assim, inicialmente como consultores (juízes), fizemos uma lista dos elementos a analisar, tais como, métrica, pulsação e o próprio padrão. Nos elementos padrão e métrica teríamos que identificar se os mesmos eram realizados de forma correcta ou incorrecta, ou seja, era feita uma classificação global dicotómica. A utilização desta classificação partiu de dois pressupostos. Primeiramente, a noção de que um padrão rítmico bem executado é aquele em que todas as células rítmicas que o compõem são imitadas fielmente. Em segundo lugar, a noção que uma métrica bem executada é aquela em que, independentemente da imitação correcta ou incorrecta das células rítmicas de um determinado padrão, se consegue discernir a estrutura métrica do padrão original.

No que diz respeito à pulsação, a classificação desta era feita com recurso a uma escala de classificação contínua em cinco níveis, ou seja, foi considerada uma variável contínua, uma vez que o grau de correcção na execução de uma pulsação se situa num *continuum* entre o que possa ser considerado uma pulsação correcta e uma pulsação incorrecta. Uma ligeira oscilação (acelerar e desacelerar, ou vice-versa) na execução da pulsação de um padrão não corresponde necessariamente a um desempenho incorrecto da pulsação. No entanto, existindo essa oscilação não se poderá considerar que a mesma foi executada de forma perfeita. A esta escala é dado o nome de escala de *Likert* de cinco níveis, em que o 1 corresponde a muito mau e o 5 a muito bom.

Na avaliação do padrão em si, tínhamos em conta, entre outras, as seguintes características:

- O padrão tem que estar presente na sua totalidade com os tempos correctos;
- O aluno pode começar mais tarde (atrasado), ou seja, pode não começar imediatamente no tempo a seguir à execução do padrão modelo, mas terá que continuar até ao fim;
- Se houver pausas de hesitação está mal;
- As pausas permitidas, para além das eventuais pedidas, são as de respiração.

Porém, o aluno pode cortar um pouco a duração das figuras desde que não pareça pausa, pois é muito usual encurtar o segundo tempo e antecipar o terceiro tempo. Assim, ficou decidido que era permitido antecipar no máximo uma semífusa nos padrões binários e uma semicolcheia nos ternários. Também era permitido que o último tempo não tivesse a

totalidade da duração, desde que não fosse exagerado. Sempre que houvesse dúvidas era sinal que estava mal.

Relativamente ao elemento métrica, esta está organizada numa estrutura binária ou ternária e terá que ser única e coerente em todo o padrão. Sempre que houvesse troca de métrica ou esta não fosse bem perceptível era considerada incorrecta.

Quanto à avaliação da pulsação, esta tinha cinco diferentes níveis de avaliação (de 1 a 5). Quando a pulsação era muito irregular, era dada nota 1. Quando a pulsação era imprecisa e/ou tinha oscilações, estava em contra-tempo ou sincopara, era atribuída a nota 2. A nota 3 era atribuída quando a pulsação era estável, mas prejudicada por um ligeiro corte ou outro pormenor e a nota 4 era dada quando havia pequenas imperfeições, tais como, um pouco mais lento ou mais rápido, quando a criança não entrava a tempo ou quando havia mudança de métrica, isto porque, a métrica pode mudar e a pulsação continuar correcta. A nota 5 era atribuída somente quando os padrões eram reproduzidos exactamente como eram pedidos. O maior problema da avaliação da pulsação até nem era o andamento, mas sim as frequentes acelerações e atrasos por parte das crianças.

Segundo o doutorando Tiago Veiga, que foi quem liderou este estudo, os objectivos do mesmo eram:

Reflectir sobre o desempenho vocal de padrões rítmicos, ou seja, reflectir sobre os tipos de erros detectados, a distinção dos níveis de qualidade na execução e os critérios para a classificação do desempenho vocal de padrões rítmicos;

Testar uma nova estratégia de classificação do desempenho rítmico vocal;

Avaliar estatisticamente a consistência intrajuízes e interjuízes, quer no sentido de se averiguar a qualidade individual e colectiva dos juízes, quer para se poder reflectir acerca da adequabilidade da utilização da nova estratégia de classificação tripartida em futuras ocasiões.

Por fim, foi apresentado à professora Helena Rodrigues o resultado escrito e organizado da concretização dos nossos três objectivos. Este último ponto foi da responsabilidade do doutorando Tiago Veiga. Após a aplicação de um programa informático específico, ele obteve a consistência intrajuiz e interjuízes.

Para conseguir atingir os objectivos supracitados, foram realizadas reuniões semanais ou bissemanais com a duração de quatro a cinco horas, consoante a quantidade e qualidade de trabalho que era produzido. Nessas reuniões reflectimos em conjunto sobre o desempenho rítmico vocal e as possíveis estratégias de classificação. Essas reuniões serviam também para clarificação e treino da estratégia de classificação tripartida a ser testada no

Nesta reunião ou formação semanal, foi-nos, logo no início, explicados todos os antecedentes, objectivos e métodos deste trabalho de investigação.

Este trabalho de investigação não foi nada fácil de realizar ao contrário do que aparentemente possa parecer. Ao longo das várias sessões de classificação e avaliação de padrões houve constantes aproximações e afastamentos relativamente às avaliações feitas entre nós. Isto, relativamente não só às avaliações entre os vários juízes, mas também relativamente à chamada avaliação intrajuízes, ou seja, a nossa própria avaliação feita duas vezes aos mesmos padrões. Todas estas dificuldades e divergências na avaliação eram causadas, sobretudo, pelas fronteiras extremamente ténues existentes entre o correcto e o incorrecto, isto é, em muitos casos era muito difícil avaliar correctamente. Além disso, existem inúmeros factores que podem influenciar uma avaliação, tais como, o cansaço, a motivação, a ansiedade, o calor, a nossa disposição, entre muitos outros. O que num dia estava aparentemente correcto, no dia seguinte já podia parecer incorrecto.

Os padrões rítmicos utilizados ao longo das várias sessões de treino (classificações) foram sempre os mesmos e foram reproduzidos, também, pelos mesmos vinte alunos, todos eles do 1º e 3º ano de escolaridade. Foram seleccionados sete padrões rítmicos de divisão binária e seis de divisão ternária, os quais são apresentados seguidamente.

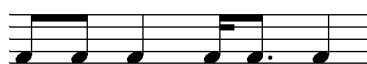
## 1



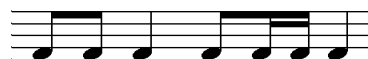
5.



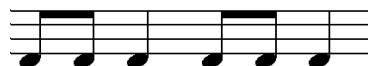
2.



4.



6.



7.



Erros mais frequentes:

Padrão 1: antecipação do 3º tempo; 4 semicolcheias no 3º tempo;

Padrão 2: antecipação do 3º tempo; pouco valor à colcheia com ponto e consequente antecipação do 4º tempo;

Padrão 3: antecipação do 3º tempo;

Padrão 4: antecipação do 3º tempo; 4 semicolcheias no 3º tempo;

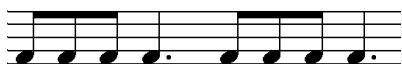
Padrão 5: antecipação do 3º tempo; 4 semicolcheias no 3º tempo;

Padrão 6: antecipação do 3º tempo;

Padrão 7: antecipação do 3º tempo;

Padrões de divisão binária:

1



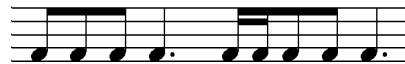
2.



3.



4.



5.



6.



Erros mais frequentes:

Padrão 1: antecipação do 3º tempo;

Padrão 2: antecipação do 3º tempo; troca de semicolcheias por colcheias e vice-versa;

Padrão 3: antecipação do 3º tempo; troca de semicolcheias por colcheias e vice-versa;

Padrão 4: antecipação do 3º tempo; troca de semicolcheias por colcheias e vice-versa

Padrão 5: antecipação do 3º tempo; 6 semicolcheias no 3º tempo; aceleração das semicolcheias;

Padrão 6: antecipação do 3º tempo; 6 semicolcheias no 3º tempo; aceleração das semicolcheias;

Após as respectivas análises de padrões anteriormente gravados e por nós classificados, cheguei a algumas conclusões interessantes. Algumas são óbvias, outras são mais curiosas. Por exemplo, nos padrões binários:

Muitas das crianças aceleram os respectivos padrões;

A semínima do segundo tempo é frequentemente ou quase sempre cortada ou encurtada, o que faz que o terceiro tempo seja quase sempre antecipado;

Algumas crianças respiram a meio do padrão;

De um modo global todos fazem correctamente o último tempo, ou seja, não o encurtam, como acontece muitas vezes no segundo tempo;

As colcheias raramente são feitas demasiadamente curtas;

No geral, a entoação dos padrões é bastante aceitável, salvo um ou outro caso de alunos mais monofónicos;

No geral, há muitos casos em que as crianças aceleram demasiadamente as semicolcheias. Curiosamente, há outros casos onde as mesmas são atrasadas.

Quando aparece uma colcheia com duas semicolcheias dentro da mesma pulsação, eles fazem frequentemente quatro semicolcheias;

Relativamente aos padrões ternários, cheguei às seguintes conclusões:

Tal como nos padrões de divisão binária, o segundo tempo (semínima com ponto) é quase sempre “encurtado” ao nível da duração, o que faz que o terceiro tempo seja quase sempre antecipado;

Curiosamente, são poucos os que encurtam as três colcheias, ou seja, aqueles que em vez de fazerem colcheias fazem semicolcheias ou semicolcheias com ponto;

As figuras que os alunos mais erram e trocam por outras são as semicolcheias, muito provavelmente por serem figuras mais rápidas;

Há bastantes mais casos de respiração a meio do padrão, entre o segundo e o terceiro tempo, do que nos padrões binários. Isto deve-se provavelmente à maior extensão dos padrões ternários;

As semicolcheias são frequentemente aceleradas;

Muitas crianças fazem o padrão anteriormente pedido e não o que está a ser pedido na altura. Isto deve-se talvez a grande semelhança entre vários dos padrões trabalhados.



### III. 3. Ponto de vista pessoal sobre este projecto de investigação

Esta foi, indubitavelmente, uma excelente oportunidade para me familiarizar com questões ligadas à avaliação de uma forma mais rigorosa, para reflectir sobre questões relativas ao desempenho rítmico e eventualmente reflectir sobre a praticabilidade do teste. Esta oportunidade constituiu, de facto, uma primeira sensibilização às questões relacionadas com a investigação de uma forma articulada, dentro do possível, com a prática de ensino. Contudo, considero altamente difícil, complexo e subjectivo a correcta avaliação do desempenho rítmico vocal das crianças, uma vez que, como já referi, existem inúmeros factores que contribuem e condicionam que o respectivo desempenho seja completamente distinto em diferentes momentos de avaliação.

Tendo em conta a tenra idade das crianças, o seu desempenho rítmico nos padrões binários foi mais ou menos ao encontro das minhas expectativas. Relativamente aos padrões de divisão ternária estava à espera de um pouco mais da parte deles. Contudo, esta diferença de qualidade no desempenho em ambas as divisões não me surpreende muito, uma vez que as crianças são “bombardeadas” desde muito cedo com as canções em métrica binária e quase sempre em tonalidades muito restritas. Não admira, portanto que elas se sintam mais “à vontade” na métrica binária. Penso que muitos dos métodos e estratégias de ensinar e praticar música devem ser repensados e em muitos casos alterados. As crianças não podem estar “limitadas” à métrica binária, à tonalidade de dó maior (que é a mais comum) e sempre às mesmas formas, estruturas e géneros. Com uma correcta educação formal e informal desde muito bem cedo, o desempenho rítmico destas e outras crianças seria, certamente, bem melhor ao constatado.

Em relação às actividades de gravação de padrões reproduzidos por alguns dos nossos alunos, foi também uma actividade completamente nova para mim e bastante interessante de realizar. O facto das instruções do teste serem bem claras, tornou o teste relativamente fácil de aplicar. Espero num futuro próximo, ter oportunidade de aplicar este teste nos meus futuros alunos e penso que será proveitoso aplica-lo no início do ano e novamente no final do mesmo. Assim, será possível constatar as evoluções que os alunos tiveram ao longo do ano.

Apesar do seu desempenho rítmico ter sido bastante aceitável, não fiquei surpreendido, uma vez que quase em todas as aulas de Educação Musical eles trabalham não só os padrões rítmicos, mas também os melódicos. Penso até que alguns padrões,

sobretudo os de métrica binária, podiam até ser um pouco mais complexos. Os de divisão ternária tinham um grau de dificuldade aceitável.

O desempenho vocal das crianças, não só o rítmico, mas também o melódico, pode e deve ser trabalho desde muito cedo, logo desde a nascença. Para isso, as crianças não têm que ter necessariamente aulas de música numa escola. Uma mãe ou um pai com uma voz bem afinada e com um bom sentido rítmico pode ajudar imenso o desempenho vocal das crianças. Esta ajuda será certamente muito preciosa para o “futuro musical” dessas mesmas crianças, uma vez que é nos seus primeiros anos de vida que as suas capacidades e aptidões musicais estão mais susceptíveis de serem desenvolvidas.

A quantidade de aulas e reuniões assistidas, bem como a regularidade dessa assistência foram sem dúvida extraordinariamente profícuos e importantes ao longo de todo este estágio. Contudo, quanto maior foi o número de aulas assistidas ou dadas, mais e maiores foram igualmente os desafios e as aprendizagens com que me vi confrontado. É provável que esta minha opinião esteja de certa forma relacionada com a minha pouca experiência de ensino, sobretudo neste nível. No entanto, também muito importante foi o respeito pela sequencialidade e diversificação da aprendizagem que tentei permanentemente fazer, tal como a tomada de consciência que o sistema educativo está em permanente mudança e actualização. Assim, é fundamental estar quase em permanente reciclagem e actualização de conhecimentos. Para esta actualização e reciclagem foram significativamente importante os vários cursos e *workshops* que frequentei ao longo do ano lectivo.

Nas aulas em que eu tive a oportunidade de leccionar ao longo do ano lectivo tentei permanentemente colocar em prática as melhores e mais eficazes teorias pedagógicas, o que nem sempre é fácil para um estagiário com pouca experiência de docência, particularmente nestes níveis de ensino. Neste âmbito, procurei colocar em prática algumas teorias e ideias do pedagogo norte-americano Edwin Gordon, o que não foi nada estranho aos alunos, uma vez que já praticavam vários exercícios deste pedagogo com a sua professora, que julgo ser uma defensora e apologista dos seus métodos. Destaco sobretudo a realização em todas as aulas de vários padrões rítmicos e padrões melódicos, além de alguns exercícios de improvisação. Neste âmbito foi bastante profícuo o trabalho de investigação que realizamos sob orientação de um doutorando que está a trabalhar nesta área de investigação. O mesmo foi abordado no capítulo anterior de uma forma mais desenvolvida e detalhada.

Tendo em conta as planificações anuais estabelecidas pelo grupo de Educação Musical no início do ano lectivo, achei importante definir que a prática vocal e instrumental, em particular o trabalho de afinação e audição colectiva, seria um dos principais conteúdos a ser explorado, o qual deveria estar permanentemente presente na maioria das actividades a serem levadas a cabo na respectiva aula.

Tal como sugere o programa de educação Musical, tentei sempre que possível trabalhar três grandes áreas de forma inter-relacionada – a audição, a interpretação e a composição. Estas três diferentes dimensões são, de facto, três importantes áreas de

experiência musical directa, as quais devem ser frequentemente estimuladas e desenvolvidas nas aulas de música. Os alunos devem ser intérpretes, ouvintes e compositores. As diferentes actividades ligadas as estas três dimensões devem ser articuladas sempre que possível, de modo a que seja feita uma certa articulação mental de significados.

Quando falo em compositores, não é pretendido que seja criado um Mozart ou um Bach. Além disso, ao contrário do que se possa pensar, é perfeitamente possível o aluno começar a compor logo nas primeiras aulas de música, sem saber qualquer tipo de notação convencional. Aliás, com imaginação, nem precisa de saber ler ou escrever. Uma partitura não tem que ser composta exclusivamente por notação musical convencional. Podemos organizar uma partitura à base de traços horizontais e verticais, pontos, bolinhas, entre muitos outros. A vivência directa, imediata e presencial, ou seja, a prática, é indispensável para o desenvolvimento e conhecimento musical da criança. Não é com questões teóricas e história da música que vamos lá! É mais que evidente que as crianças não gostam e não se sentem estimuladas nem motivadas com a teoria. É na prática musical que elas sentem motivação e vontade de se exprimirem musicalmente.

Apesar de estar previsto no regulamento de estágio a presença em 50% das aulas do orientador, uma quantidade que eu considero aceitável, o mesmo não se verifica relativamente ao número de aulas leccionadas. Acho que este fica bastante aquém do que seria desejável. Digo isto porque leccionar cinco aulas (de 90 minutos) numa turma, muito dificilmente será possível sedimentar os elos de ligação entre os vários intervenientes na sala de aula. Por mais que tentemos, é difícil em tão poucas aulas promover e praticar um ambiente salutar de convivência dentro da sala de aula, bem como ganhar uma saudável proximidade com os alunos.

Talvez muitas pessoas não estejam de acordo comigo, mas acho que um dos maiores factores de êxito de um professor seja a sua maior ou menor experiência. Evidentemente os conhecimentos científicos e pedagógicos não podem ser secundados. Assim, qualquer professor que ambicione ser bem sucedido, tem que possuir estratégias pedagógicas que estejam intimamente ligadas à capacidade de conciliação da experiência pessoal adquirida com os conhecimentos teóricos.

Permanentemente tentei instaurar como norma o respeito pelo outro, a disciplina, a educação e o rigor comportamental, o que nem sempre foi fácil, sobretudo na turma do quinto ano. Tenho consciência que tudo foi feito para lhes ajudar a garantir o alcance dos objectivos da disciplina, resultantes do contacto com a música, a correcta utilização do vocabulário musical e sobretudo pela tentativa de estimular o gosto pela realização musical

e de descobrir nela a novidade. No entanto, estou plenamente consciente que nem sempre isto foi possível. Foi uma luta constante aquela que permanentemente travei com alunos saturados deste sistema de ensino, da escola e frequentemente desmotivados.

Após estes meses de estágio, penso que a larga maioria dos alunos com que eu trabalhei adquiriram mais algumas ferramentas importantes e algumas bases fundamentais que certamente lhes darão uma maior confiança no futuro.

## Conclusão

Com o presente ano lectivo a chegar quase ao fim, tenho plena convicção que tomei a decisão certa em escolher este curso de mestrado e, sobretudo, que escolhi a escola certa para observar e colocar em prática tudo, ou quase tudo, o que aprendi. O bom relacionamento com a orientadora e com o colega estagiário contribuiu significativamente para a qualidade e quantidade do trabalho. Com este último também foi bastante valioso a troca de ideias e sugestões, além do indispensável espírito de entreaajuda.

Apesar da articulação entre a prática lectiva e os temas abordados na faculdade, sobretudo em algumas cadeiras, não ter sido perfeita foi, de facto, bastante frutuoso, uma vez que um bom suporte teórico é fundamental para “avançar” para a prática.

Relativamente às aulas que observei ao longo deste ano lectivo, sinto que foi muito proveitoso frequentar as aulas de outros professores além da minha orientadora, nomeadamente do meu colega de estágio e de outros professores da instituição onde lecciono.

A variedade de níveis onde leccionei, permitiu-me conhecer e contactar mais estreitamente com diferentes faixas etárias, diferentes atitudes e comportamentos e aplicar diferentes estratégias e métodos de ensino.

Para além das aulas dadas e observadas, participei também em várias acções de formação com o intuito de enriquecer os meus conhecimentos, de melhorar a minha prática lectiva e de tentar incorporar novas ideias e metodologias. Não tenho qualquer dúvida que a formação contínua é fulcral, não só para fazer melhores aprendizagens, mas também para conhecer novos colegas, com os quais possamos trocar ideias e experiências.

Com este estágio descobri também novos interesses, nomeadamente a avaliação de competências rítmicas, que tenciono posteriormente aprofundar da melhor maneira possível. Na origem deste interesse esteve o trabalho realizado sob orientação do doutorando Tiago Veiga relativo à avaliação de competências rítmicas em alunos do ensino básico, trabalho este que foi abordado num dos capítulos focados.

Com o presente relatório pretendo dar uma panorâmica do que efectivamente foi este estágio pedagógico e espero profundamente que o mesmo me sirva como uma base de apoio para uma futura carreira de professor de Educação Musical.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

BENTLEY, A. *La Aptitud Musical de los Niños y Como Determinala*, Buenos Aires, Editorial Victor Leru, 1967;

CERDEIRA, Nuno R., *Relatório de Estágio pedagógico*, Lisboa, 2008;

DALAMONT, S., *Interação na sala de aula*, Lisboa, Livros Horizonte, 1987;

DETRY, B., SILVAS, F. (coord.), *Educação, cognição e desenvolvimento – Textos de psicologia educacional para a formação de professores*, Lisboa, Edinova, 2001;

FAJARDO, M. Isabel, *A dimensão lúdica nas aulas de Inglês e Alemão – ponto de partida para uma reflexão sobre a P. E. S.*, Lisboa, Relatório da P.E.S., 2009;

FRÓIS, João Pedro (coord.), *Educação estética e artística - abordagens transdisciplinares*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000;

GORDON, Edwin, *Jump Right In The instrumental Series*. Chicago: GIA Publications, 1991;

GORDON, Edwin, *Learning Sequences in Music: Skill, Content, and Patterns*. Chicago: GIA Publications, 1997;

GORDON, Edwin, *Study Guide for Learning Sequences in Music*. Chicago: GIA Publications, 1997;

GORDON, Edwin, *Introduction to Research and the Psychology of Music*. Chicago: GIA Publications, 1998;

GORDON, E. E., *A Music Learning Theory for Newborn and Young Children, Teoria da Aprendizagem Musical para Recém – Nascidos e Crianças em Idade Escolar*, trd. P. M. Rodrigues, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000;

GORDON, Edwin, *A Three-year Study of the Musical Aptitude Profile*. Chicago: GIA Publications, 2001;

GORDON, Edwin, *Preparatory Audiation, Audiation, and Music Learning Theory*. Chicago: GIA Publications, 2001;

GORDON, Edwin, *Discovering music from the inside Out*. Chicago: GIA Publications, 2006;

KEMP, A. E., *Introdução à Investigação em Educação Musical*, trd. P. Ilda Ferreira e Fernanda Prim, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995;

MOLLO, Susanne, *A escola na Sociedade*, Lisboa, edições 70, 1989;

RODRIGUES, H., JOHNSON, C. (coord.), *Investigação em Psicologia da Música – Estudos Críticos*, Lisboa, Edições Colibri, 2007;

## **DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS**

DE CANDÉ, R., *Dictionnaire des Musiciens, Dicionários dos Músicos*, trad. <sup>a</sup> L. Cardoso, Lisboa Edições 70, 1989;

SADIE, S. (ed.), *The New Grove, Dictionary of Music & Musicians*, Vols 1-20, London / New York / Hong Kong, Macmillan Publishers Limited, 1980.

## **MANUAIS E LIVROS DIDÁCTICOS**

Adoptados pela escola:

NEVES, A., AMARAL, D., e DOMINGUES, J., *100% Música*, Lisboa, Texto Editores, 2008.

Outros:

CABRAL, M., ANDRADE, M., *Magia da Música*, Porto, Porto Editora, 2000;

CARNEIRO, I., FERREIRA, O., *Viva a Música*, Lisboa, Lisboa Editora, 2005.



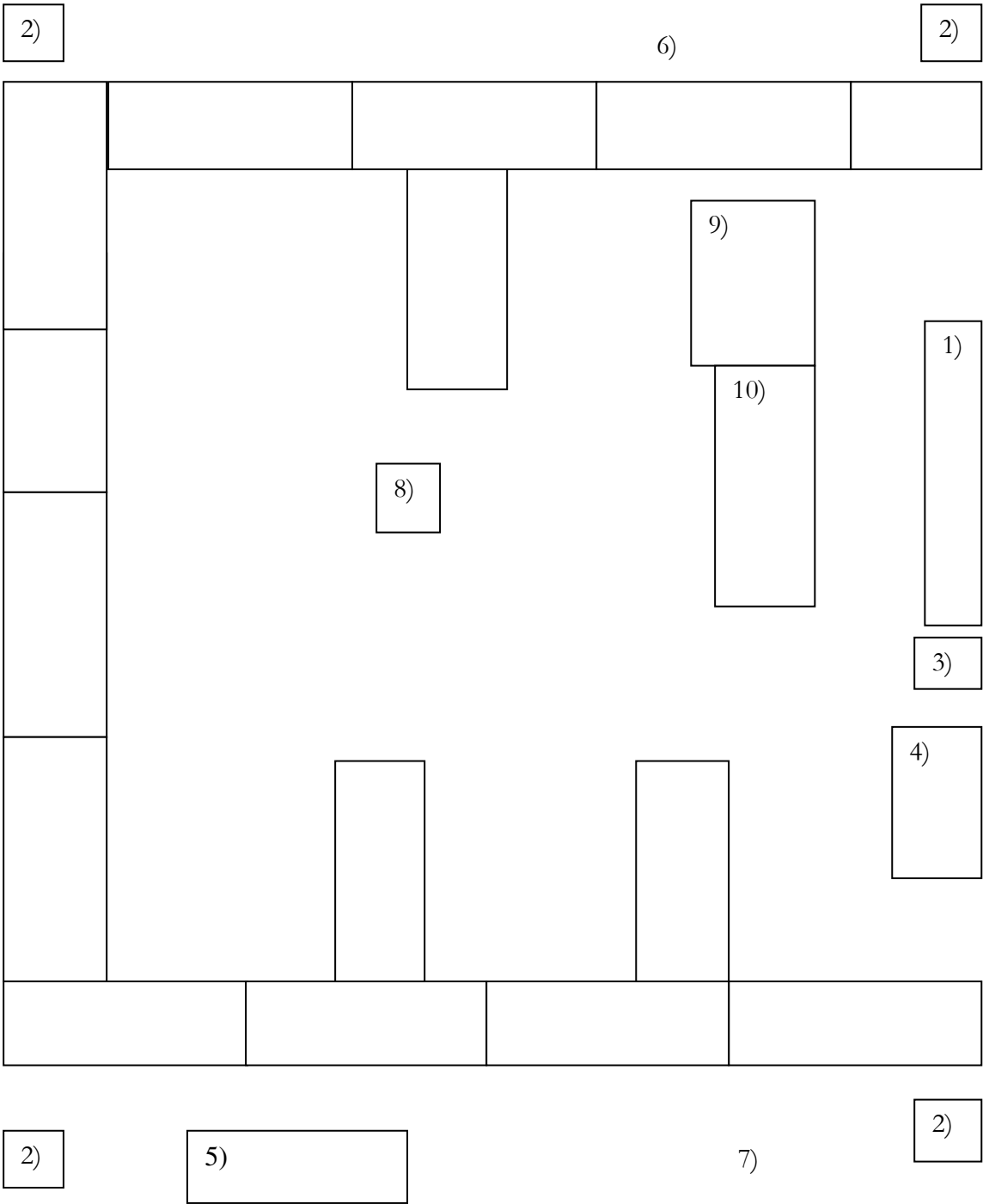
## ANEXOS

## ANEXO A



ANEXO B

PLANTA DA SALA DE AULA M1



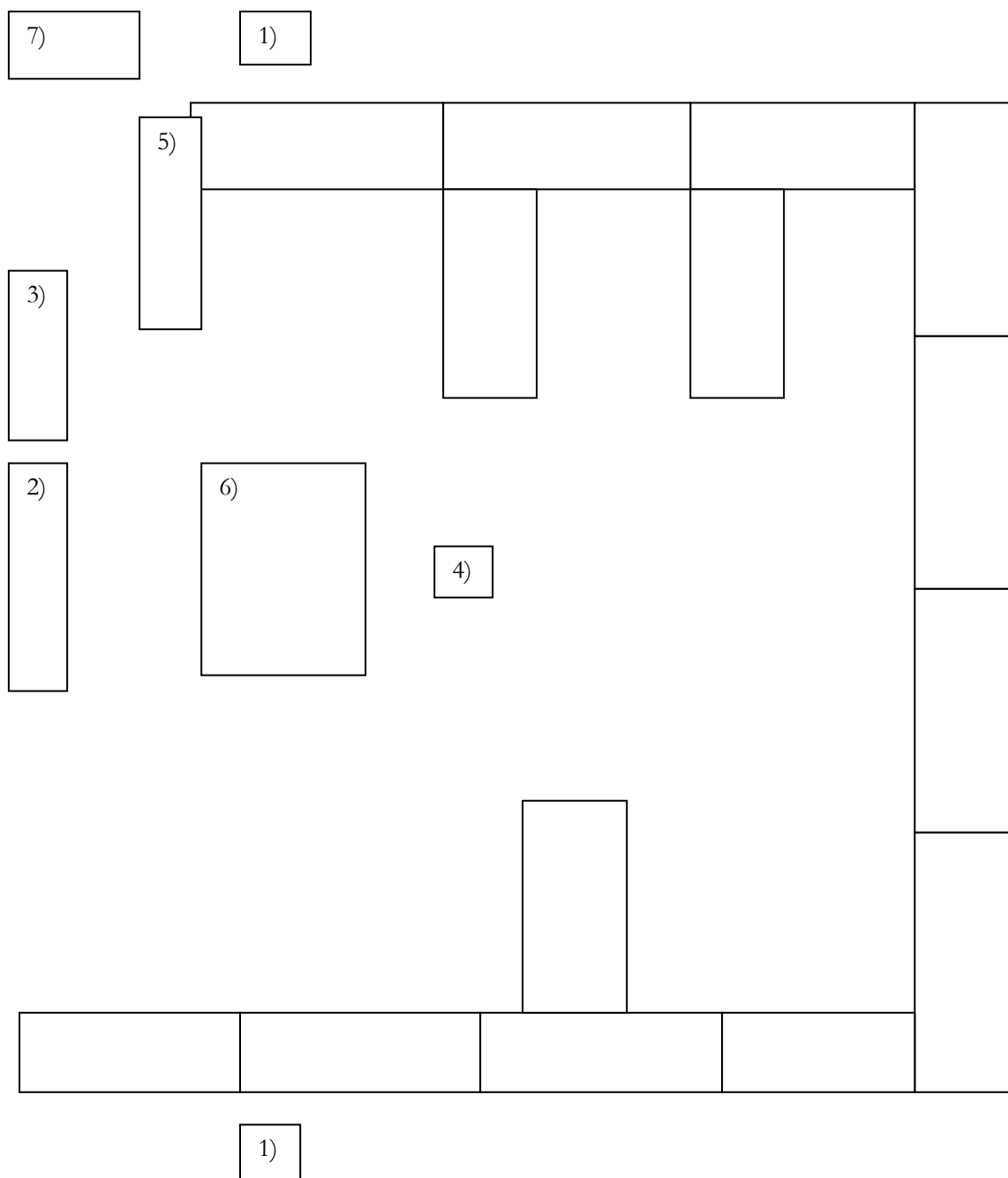
- 1) Quadro com marcadores
- 2) Colunas
- 3) Computador
- 4) Armário

- 5) Estante
- 6) Porta exterior
- 7) Porta interior
- 8) Retroprojector

- 9) Secretária prof.
- 10) Mesa do piano

## ANEXO C

### PLANTA DA SALA DE AULA M2



- 1) Colunas
- 2) Quadro com marcadores
- 3) Quadro pautado
- 4) Retroprojector
- 5) Piano
- 6) Mesa do professor
- 7) Armário

## **ANEXO D**

### **Inquérito aos alunos:**

1. Idade:
2. Sexo:
3. Turma:
4. Freguesia onde vive:
5. Profissão do pai:
6. Profissão da mãe:
7. Quantos irmãos tem?
8. Quantas negativas teve no 1º período?
9. Disciplina favorita:
10. Disciplina que menos gosta:
11. Teve Música no ano anterior (1º ciclo)?
12. Nota obtida a Educação Musical:
13. O que mais gosta de fazer na aula de música:
  
14. O que menos gosta de fazer na aula de música:

## ANEXO E

### *O chapéu de três bicos*

Andante (versão em Dó M)

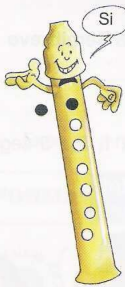
O meu cha - péu tem três bi - cos tem três  
bi - cos o meu cha - péu se não ti - ves - se três  
bi - cos o cha - péu não e — ra meu

### *O chapéu de três bicos*


Andante (versão em Dó m)

O meu cha - péu tem três bi - cos tem três  
bi - cos o meu cha - péu se não ti - ves - se três  
bi - cos o cha - péu não e — ra meu

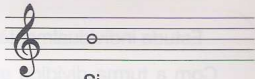
Nota Si ▶  
 Execução  
 Composição



Apresentamos-te a nota Si.  
Repara na sua colocação na flauta, no teclado e na pauta.



Dó Ré Mi Fá Sol Lá Si Dó Ré Mi



Si  
Si coloca-se na 3.<sup>a</sup> linha

Executa a melodia na flauta.

**FORMA**  
 Introdução  
 8 compassos

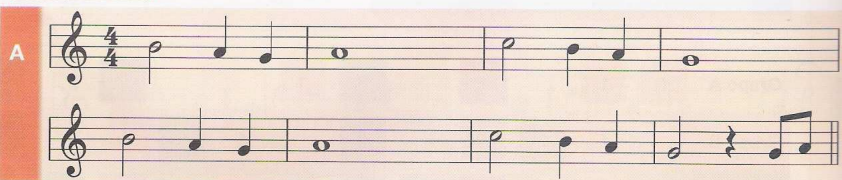
A

B


**Fado Corrido**


**Introdução**

A



B





**Rão Kyao**

Rão Kyao iniciou a sua carreira no jazz tocando saxofone. Fascinado pela cultura oriental, aprendeu a tocar flautas de bambu e, inspirando-se na música indiana e árabe, estabeleceu um elo de ligação com a música tradicional portuguesa.

[www.projectos.TE.pt/links](http://www.projectos.TE.pt/links)  
para saber mais sobre...

• Rão Kyao

68

Caderno de Actividades

Pág. 20-E

## ANEXO G

Canta a parte A e executa a parte B na flauta.

## A Noite

### Introdução

**A**

A - qui ao lu - ar ao pé de ti ao pé do mar só o  
so - nho fi - ca só ele po - de fi - car A - qui ao lu - ar  
ele po - de fi - car

1.  
2.

Fine

a 2.ª vez repete

**B**

al Segno

1. 2.

A - qui ao lu - ar

### Sitiados

A música desta banda resulta da fusão entre o rock e a música tradicional portuguesa. Tornou-se conhecida depois da participação no 5.º Concurso Rock Rendez-Vous, no qual obtiveram o 2.º lugar com o tema «A Noite».

Caderno de Actividades

Pág. 16 e 17-H

55



## ANEXO H

Executa a melodia das partes **A** e **B** na flauta. No início da parte **B**, improvisa na escala pentatônica durante 8 compassos, utilizando instrumentos de percussão de altura definida.

**FORMA**

**Introdução**

8 Compassos

**A**

**B**

**A**

**B**



### Pérola do Oriente

**Introdução**

2x

**A**



**B**



**Improvisar** – Criar música no momento e de forma espontânea.

# ANEXO I

## "Jimba Jimba"

### SECÇÃO A

Tradicional

Moderato ♩ = 92

Voz

Jim-ba Jim-ba Jim-ba Pa palusj -ka Jim - ba Jim - ba Jimba Papa gai

XB e XC

Tra la la la la la la Jimba Papa lusj -ka Tra la la la la la la Jimba Papa gai

### SECÇÃO B (CONTRASTANTE)

△

□

○

repete-se 4 vezes

## ANEXO J

### É verão

*Bruno Madureira*



*Já é verão é e-mo-ção, já é verão vou par'a praia, já é verão no co-ra-ção, da mi-nha lin-da So-raia.*

*Tá ca-lor tam-bém no campo, é me-lhor tár no meu canto, tá ca-lor nes - te re-canto, tá ca-lor pa-ra meu espanto*

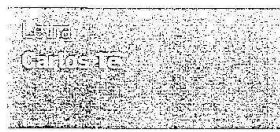
Tonalidade: Dó Maior

Extensão: Dó – Dó

Já é verão é emoção,  
Já é verão vou para a praia,  
Já é verão no coração,  
Da minha linda Soraia.

Está calor também no campo,  
É melhor tar no meu canto.  
Está calor neste recanto,  
Está calor para meu espanto.

## ANEXO K



Easy Shuffle ♩ = 108

CD "Mingus e Samurais"

Chords: C, C/G, C, C/G, C, C/G, C, C, [Voz]

Não há

Chords: C, C/G, C, C/G, F, G

es - tre-las no céu A dou - rar o meu ca - mi - nho Por mais a - mi - gos que te - nha sin - to -

Chords: C, C/G, C, C/G, C, C/G, F

me sem-pre so - zi-nho De que va - le ter a cha-ve de ca - sa pa-ra en - trar Ter um - a no-ta no

Chords: G, C, Cadd<sup>2</sup>/B, A-, D, Dsus<sup>4</sup>, D

bol - so p'ra ci - gar-ros e bi - lhar A pri - ma-ve-ra da vi - da é bo - ni - ta do vi - ver São de-

Chords: G, F, G, C, Cadd<sup>2</sup>/B, A-, D, Dsus<sup>4</sup>

pres-sa o sol bri - lha co-mo'a se-guir está a cho - ver Pa - ra mim hoje é Ja - nei - ro está um fri - o de ra-

Chords: D, G, F, E-, G, C, C/G

1 POP E ROCK



Homem do leme – Xutos & Pontapés  
Homem do leme – Arr. de Nuno Guimarães

HOMEM DO LEME

Xutos & Pontapés  
Arr. de Nuno Guimarães

Flauta  
e/ou  
voz

The musical score is written for Flauta e/ou voz in 4/4 time. It consists of nine staves of music. The first staff begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody is composed of eighth and quarter notes, with some rests. The score includes measure numbers 6, 11, 15, 20, 26, 32, 37, and 42. There are some markings below the staff, such as 'F' and 'I'.



## ANEXO M

### *Se te amo – quinta do bill*

#### **Intro**

C F C

Nada em terra e céu, nos pode ensinar

F

O que vai na alma

C F

De alguém que recusa deitar sobre o chão

C F

Eu não

C Em F

Aaaaaaahhh, se te amo, se não tenho

C Em F

Aaaaaaahhh, a vergonha, de o dizer

#### **{intro}**

C F C

Nunca esse acaso ou lei eu entendi

F

O homem que em vão se agita

C F

Tão perto do mundo, tão longe de Deus

C F

Eu não

C Em F

Aaaaaaahhh, se te amo, se não tenho

C Em F

Aaaaaaahhh, a vergonha, de o escrever

#### **{intro}**

C Em F

Aaaaaaahhh, se te amo, se não tenho

C Em F

Aaaaaaahhh, a vergonha, de o dizer

## ANEXO N

C  
Mais do que é um país  
F7+  
Que é uma família ou geração,  
C  
Mais do que é um passado  
F7+  
Que é uma história ou tradição  
C  
Tu pertences a ti  
F7+  
Não és de ninguém...

C  
Mais do que é um patrão  
F7+  
Que é uma rotina ou profissão  
C  
Mais do que é um partido  
F7+  
Que é uma equipa ou religião  
C  
Tu pertences a ti  
F7+  
Não és de ninguém...

Em  
Vive selvagem  
Em  
E para ti serás alguém  
G  
Nesta viagem

C  
Quando alguém nasce,  
G  
Nasce selvagem  
F7+ G  
Não é de ninguém...

C  
Quando alguém nasce,  
G  
Nasce selvagem  
F7+ G C F7+ C  
Não é de ninguém...de ninguém la la la la la la la la la.....